ABPMC
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA E MEDICINA COMPORTAMENTAL

ELE É AUTISTA: COMO POSSO AJUDAR NA INTERVENÇÃO?

Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo.



Dra. Marilu M. C. Borba
Dr. Romariz S. Barros

A Dr. Marilu é doutora em Psicologia Experimental(Teoria e Pesquisa do Comportamento) pela Universidade Federal do Pará e tem experiência na intervenção comportamental ao autismo. O Dr. Romariz é doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo, com pós-doutoramento na University of Massachussetts Medical School (Boston, USA).

Como citar este trabalho:

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo.** Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, as pessoas com necessidades especiais eram mantidas à margem da sociedade e não recebiam atenção profissional especializada que atendesse suas particularidades. Hoje, embora lentamente, este quadro tem sido mudado e já existem políticas públicas de inclusão destas pessoas.

A criança autista também era tratada dessa mesma maneira. Sabemos que ainda precisamos conhecer mais sobre este Transtorno do Desenvolvimento e ampliar as redes de atendimento, pois são poucos os profissionais capacitados para atuarem junto a esta população. Diante desta situação, é de grande importância a capacitação de pais, cuidadores, professores e demais profissionais que se proponham a atender a criança autista de maneira compromissada e eficiente. Os textos didáticos que você vai encontrar nesta obra terão o objetivo de apresentar informações que possam complementar o atendimento não apenas aquele realizado de forma estruturada, mas também, tornar as diversas situações do dia-dia uma fonte de aprendizado de forma a tornar o comportamento da criança autista mais funcional e independente.

Em outras palavras, você está iniciando agora um conjunto de atividades que têm como objetivo preparar pais e profissionais para lidar melhor com o autismo. Sabemos que os desafios de cuidar e educar uma criança diagnosticada com autismo podem ser muito grandes. Acreditamos que você gostaria de saber mais a respeito de como lidar melhor com essas crianças. De fato, o autismo ainda não é totalmente compreendido nem pelos cientistas nem por qualquer outro profissional. Por isso, nem sempre há uma resposta clara e precisa, como uma receita, sobre como proceder. Cuidar de uma criança diagnosticada com autismo requer um aprendizado constante e uma enorme capacidade de comemorar pequenos progressos.

Felizmente, a ciência está avançando rapidamente e já se conhece uma boa parte da tarefa sobre como lidar com uma criança diagnosticada com autismo. Neste primeiro momento, trataremos sobre algumas das características mais marcantes do autismo. Em seguida, falaremos um pouco sobre uma proposta de intervenção comportamental ao problema. Nos capítulos seguintes, conversaremos sobre princípios básicos da análise do comportamento essenciais para o manejo de

comportamento de crianças autistas. No capítulo seguinte, entenderemos melhor alguns procedimentos de intervenção que, aplicados a crianças com diagnóstico de autismo, podem promover a aprendizagem de comportamentos adequados. No capítulo seis, será discutido os principais comportamentos verbais e algumas sugestões para promovê-los. No capítulo sete, nós falaremos sobre os tipos de ajuda que podemos dar facilitar o ensino da criança e como estruturar o ensino. No capítulo oito, trataremos sobre o manejo de comportamentos-problema, como birra e estereotipia.

Para facilitar a compreensão do público alvo deste material, os princípios abordados serão direcionados, através de exemplos, para o manejo do comportamento de crianças, em especial crianças com diagnóstico de autismo. Entretanto esses conceitos podem ser aplicados a qualquer pessoa, independente de faixa etária ou diagnóstico.

Esperamos que esses conhecimentos ajudem muito você e sua criança, de modo que possamos ver pequenos progressos se somando e, depois de um tempo, possamos falar de grandes mudanças.

CAPÍTULO 1 - AUTISMO E INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL

OBJETIVO: *Ao final deste capítulo, esperamos que você seja capaz de identificar as principais características do autismo. Você também deverá conhecer a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), uma das formas mais eficazes de intervenção ao autismo, e as principais características dessa forma de intervenção.*

Bom, então vamos lá. Em primeiro lugar é importante deixar claro que não existem características físicas aparentes ou exames laboratoriais que permitam suspeitar de diagnóstico de autismo. Então neste caso, como as crianças autistas são diagnosticadas?

Não sei se você sabe, mas quando um médico ou psicólogo diagnosticam alguém com autismo, ele ou ela compara **o comportamento** observado na criança com os critérios estabelecidos no DSM (APA, 2013). Mas o que é isto? Esta sigla significa Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais, ou seja, é um manual detalhado que estabelece critérios que facilitam na identificação das doenças mentais. No caso do autismo, se o comportamento se encaixa na descrição feita neste manual, atualmente na sua quinta revisão (DSM V), então o indivíduo pode ser diagnosticado com Transtorno de Espectro do Autismo. Para ser diagnosticada desta forma, a pessoa deve ter apresentado sinais que se iniciam nos primeiros anos de vida de uma criança e comprometem a sua capacidade de se relacionar com o ambiente em que vive. A palavra "espectro" indica que, quando se fala no transtorno do autismo, queremos dizer que existem graus ou níveis diferentes deste transtorno para cada criança. Ou seja, as crianças diagnosticadas com autismo podem apresentar dificuldades maiores ou menores dependendo do grau do transtorno manifestado. O DSM-V prevê três níveis de comprometimento (níveis 1, 2 e 3). O Nível 1 é o nível de menor comprometimento e o Nível 3 é o de maior severidade dos sinais.

Mas quais são, então, as características centrais do autismo? De modo geral, as crianças diagnosticadas com autismo apresentam duas principais características: **(1) déficits de interações sociais e de comunicação e (2) comportamentos repetitivos e interesses restritos.**

No que se refere aos **déficits sociais e de comunicação** estão incluídos dificuldades em estabelecer ou manter conversas e interações, problemas para compartilhar com outras pessoas a atenção a alguma coisa ou as emoções. Pode envolver grande falta de interesse por outros indivíduos, dificuldades em brincar de imaginar ou fingir, de se engajar em atividades consideradas apropriadas para crianças da mesma idade que têm desenvolvimento típico. Apresentam, em geral, problemas de comunicação não verbal o que pode incluir falta de contato visual e incapacidade de entender sinais não verbais de outras pessoas, tais como: expressão facial, tons de voz e gestos.

Os déficits sociais e de comunicação envolvem, portanto, dificuldades de se relacionar e conviver com outras pessoas de modo adequado; dificuldades de interessar-se pelo que o outro está fazendo, de dividir algo que lhe interessa; de olhar para as outras pessoas (especialmente olhar para o rosto das outras pessoas); de tocar ou aceitar ser tocado pelas outras pessoas. Normalmente preferem brincar sozinhas e utilizam as outras pessoas apenas como um instrumento (por exemplo, puxando um adulto pelo braço e levando até um objeto que está fora do seu alcance).

O atraso na aprendizagem da fala é frequentemente o primeiro sinal que chama a atenção dos pais, professores ou pediatras, porém ele pode ou não ocorrer. A criança tem dificuldade de informar o que se deseja, de imitar o outro, entre outras coisas. Pode ter dificuldade para se comunicar de acordo com o contexto, pode usar uma palavra de forma repetitiva ou usar palavras fora do contexto. Além disso, a linguagem pode apresentar um ritmo diferente.

Os comportamentos repetitivos e restritivos dizem respeito a apego extremo a rotinas e demonstram resistência quando esta precisa ser modificada; fala ou movimentos repetitivos; atenção focada a somente alguma parte de um objeto, dificuldade de coordenação motora fina ou grossa; interesses intensos e restritivos por alguma coisa e, ainda, alterações na percepção de estímulos sensoriais, podendo ser sensíveis demais ou de menos a estímulos como ruídos no ambiente (como barulho de liquidificadores, por exemplo), odores, sabores, ou ao toque de outras pessoas na sua pele. Podem também ser muito seletivos à textura dos alimentos.

A criança pode não ser muito sensível a elogios. Algumas vezes, esses elogios

precisam ser dados com entusiasmo e intensidade superior ao normalmente apresentado a outras crianças. Algumas vezes, as crianças diagnosticadas com autismo não aprendem as coisas tão rapidamente quanto outras crianças. **A repetição da atividade é parte essencial para sua aprendizagem**.

Pode ou não haver comportamento agressivo ou comportamento autolesivo (ou seja, comportamentos que envolvem machucar a si mesmo, como morder-se). A birra pode ou não estar presente.

Geralmente os primeiros **sinais de autismo se manifestam** até os três anos de idade. Enquanto algumas crianças apresentam os sinais desde o nascimento, outras parecem passar por uma regressão do comportamento. Os sinais acompanham em maior ou menor grau durante todo o desenvolvimento. Quanto mais cedo se inicia a intervenção, maior pode ser a diminuição destes sinais, sendo ideal que ela inicie antes dos seis anos. A intervenção também precisa ser duradoura (por exemplo, entre dois e quatro anos no mínimo) e intensa (ou seja, muitas horas de trabalho por dia, sendo sugeridas intervenções entre seis e oito horas).

Dados de pesquisas demonstram que há uma incidência maior deste Transtorno em meninos e entre irmãos e que o autismo está presente em algum nível em cerca de 20 de cada 10.000 nascimentos. Esse número, entretanto, pode ser bem maior e pode chegar a perto de 1% da população.

Infelizmente ainda há poucos estudos sobre a incidência de autismo no Brasil. Mesmo assim, é possível afirmar que o autismo é um problema muito mais presente no nosso cotidiano do que estamos acostumados a pensar. Não estamos sozinhos no enfrentamento desse desafio.

O que é ABA?

ABA significa Análise do Comportamento Aplicada que é uma abordagem baseada em princípios científicos que tem sido identificada como uma das formas mais eficazes na intervenção a crianças diagnosticadas com autismo. Essa área do conhecimento está centrada na análise, explicação a associação entre ambiente, comportamento humano e a aprendizagem. Uma vez que o comportamento é analisado, um plano de ação pode ser elaborado para modificar aquele

comportamento.

A utilização do ABA requer a elaboração de uma estruturação do ensino, com objetivos claros e intervenções individualizadas, adequado as necessidades de cada criança, um ensino basicamente intensivo com sessões que levam em média 30 a 40 horas semanais. As sessões em geral são realizadas de um-para-um, ou seja, a criança juntamente com o professor ou aplicador do programa. O ambiente é estruturado de forma a torná-lo agradável a criança, rejeitando punições e "premiando" o comportamento desejado. Além disso, são definidos procedimentos de ajuda para evitar ao máximo o contato da criança com o erro.

De acordo com os resultado, progressos e dificuldades da criança o procedimento de ensino pode sofrer alterações, de modo que essa não é uma intervenção que possa ser feita apenas com a leitura de um manual. Sendo essencial, mesmo em uma intervenção *via* cuidadores, o acompanhamento de um profissional capacitado.

Na intervenção ABA o profissional elabora um currículo que depende de cada criança, mas geralmente é amplo; incluindo habilidades acadêmicas, de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, motoras e de brincar. O intenso envolvimento da família e da escola no programa é uma grande contribuição para o seu sucesso, uma vez que possibilita o aumento da intensidade da intervenção. O currículo e as formas de ensino serão descritos na Cartilha 7.

Uma de suas metodologias é o Treino por Tentativas Discretas que se caracteriza por dividir sequências de aprendizado em passos pequenos ensinados um de cada vez durante uma série de tentativas. Por exemplo: se na avaliação de uma criança observa-se que ela necessita aprender uma série de comportamentos acadêmicos desejados, mas ela ainda não emite o comportamento de sentar. Deve-se primeiro treiná-la para que adquira este comportamento – sentar. É muito provável que nas primeiras tentativas de ensinar a criança a sentar seja necessário que ela receba ajuda física de outra pessoa. Logo imediatamente após o sentar, o aplicador do programa deve dar algum tipo de reforço, ou seja, libera um estímulo que aumentará a frequência deste comportamento. Este procedimento é repetido várias vezes até o comportamento ser adquirido e emitido independente da ajuda física. (Falaremos mais

sobre o programa em outro momento)

Exemplo de um programa de ABA para o comportamento de sentar:

Professor: "Alan, senta"

Instrução inicial que é dada verbalmente

Professor: "Você sentou!"

"Muito bem, Alan!"

O professor leva a criança até a cadeira e ajuda a sentar.

Vamos ver o que você conseguiu entender?

1. Responda:

a) O que é DSM? E qual a finalidade de seu uso?

b) Quais as principais dificuldades apresentadas pela criança diagnosticada com autismo?

c) Das dificuldades que você listou acima, quais você identifica em sua criança?

d) O que é ABA?

e) Identifique as principais características da Análise do Comportamento Aplicada?

2) Escreva (V) para verdadeiro e (F) para falso:

( ) As crianças diagnosticadas com autismo de modo geral apresentam dificuldades de interações sociais e de comunicação e comportamentos repetitivos.

( ) Atualmente os casos de autismo são classificado pelo DSM V como Transtornos do Espectro do Autismo. Suas características e níveis de intensidade são sempre as mesmas, independente da criança.

( ) Uma criança pode ser receber o diagnóstico de autismo por apresentar alguns comportamentos em excesso. O profissional, médico ou psicólogo, por exemplo, pode dar o diagnóstico baseado apenas na observação de que a criança emite o comportamento repetitivo de esfregar as mãos.

( ) A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tem sido bastante utilizada na intervenção de crianças diagnosticadas com autismo por seus bons resultados.

( ) A Análise do Comportamento Aplicada se baseia no princípio de que o comportamento pode ser "aprendido" por causa de suas consequências. Sendo assim, o comportamento pode ser modificado.

( ) ABA utiliza métodos diferenciados e considera a punição como a forma mais eficaz de "ensinar" um comportamento desejado.

( ) A Análise do Comportamento Aplicada tem mostrado que é mais eficaz a intervenção ao autismo quando começa bem cedo na vida da criança (precoce), é muito intensa (muitas horas por semana) e dura um longo período na vida da criança.

Referência

American Psychiatric Association (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5 ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.

CAPÍTULO 2 - ANALISANDO O COMPORTAMENTO: EVENTO ANTECEDENTE, RESPOSTA E EVENTO CONSEQUENTE.

OBJETIVO: *Ao final deste capítulo, você deverá ser capaz de identificar uma resposta de um indivíduo e os eventos antecedentes e consequentes com os quais essa resposta se relaciona. Deverá ser capaz de definir e exemplificar "estímulo", "resposta" e "comportamento", e utilizar esses conceitos para explicar o comportamento.*

Os conceitos mais importantes para iniciarmos nossa aprendizagem sobre Análise Comportamental Aplicada são os conceitos de comportamento e ambiente. Para os analistas do comportamento, esses dois conceitos estão muito interligados e, na medida em que aprendemos a identificar e entender essa interligação, nós começamos a encontrar dicas sobre porque as pessoas se comportam da maneira como se comportam.

O **comportamento** é a ação ou a atividade de um indivíduo em relação ao seu ambiente. São exemplos de comportamentos, andar, falar, chorar, sorrir, ficar parado, pensar, ficar com raiva, agredir. **Ambiente** são todos os eventos com os quais o indivíduo pode manter algum tipo de relação. Nesse sentido, é mais produtivo falarmos de **eventos ambientais ou estímulos** específicos do que em ambiente, porque o termo ambiente envolve tantas coisas que é impossível nós nos relacionarmos com todo o nosso ambiente de uma vez só.

Assim, quando nós nos comportamos, nós agimos (ou seja, respondemos) em relação a partes específicas do ambiente, que são os eventos ambientais (ou estímulos). São exemplos de eventos ambientais: a presença das outras pessoas, a sala onde estamos, uma ótima notícia que uma pessoa nos dá, um lanche, um sinal de trânsito, um abraço carinhoso de alguém, uma dor de dente, dinheiro, uma chamada telefônica que recebemos, uma mudança de calor para frio etc.

Para entender um pouco melhor isso, vamos usar nosso próprio comportamento para identificar esses elementos. Em que situações você normalmente diz "bom dia"? O que você faz quando o ônibus que você está esperando se aproxima da parada? Qual foi a última vez que você chorou? O que aconteceu imediatamente antes de você chorar e que teve relação com seu choro? O que aconteceu durante o

choro e depois que você chorou? Pare de ler o texto por um instante e pense nas respostas a essas perguntas. Se quiser, converse com o instrutor ou com um dos monitores sobre elas.

Perceba que essas perguntas estão levando você a identificar certas ações feitas por você (respostas) e também identificar os eventos ambientais aos quais essas ações estão relacionados (os estímulos). Esse conjunto composto pela resposta e os estímulos a ela relacionados chamamos **comportamento**. Daqui em diante, passaremos a nos referir às ações dos indivíduos como **respostas,** os eventos ambientais a ela relacionados como **estímulos.** Nós chamaremos de **comportamento** o conjunto composto pelos estímulos e a resposta que estão relacionados.

Comportamento		
Estímulo Discriminativo	**Resposta**	**Consequência**

Como sabemos se o estímulo e a resposta estão relacionados? Boa pergunta! Vamos ao exemplo do ônibus chegando na parada. Vamos supor que você esteja sozinho na parada de ônibus. Se você não faz sinal (ou seja não responde) o que acontece? E se você faz sinal, o que acontece? Se você faz sinal quando não tem nenhum ônibus vindo o que acontece? Pense nessas perguntas e você certamente verá que existe uma relação entre o ônibus estar chegando e você fazer o sinal. Ou seja, o estímulo "ônibus chegando", a resposta "fazer sinal" e o estímulo "ônibus parar" estão relacionados. Essa é, portanto, uma descrição completa de um comportamento.

Para os analistas do comportamento, analisar o comportamento é exatamente isso: identificar os estímulos aos quais as respostas estão relacionados. Além de identificar esse elementos, temos também que entender sua **função**.

Se, diante de uma situação (estímulo discriminativo), faz-se algo (resposta) e o resultado é positivo (consequências), provavelmente voltaremos a fazer isso novamente. Se as consequências forem negativas tenderemos a não repetir a resposta. Existem assim três elementos básicos e indispensáveis para compreensão e

modificação do comportamento: qual o estímulo antecedente, qual a resposta e qual o estímulo consequente. Esse tipo de relações constitui a história **ontogenética** de um indivíduo, ou seja, sua história de vida e aprendizagem.

Para entender por que nós nos comportamos como nos comportamos, devemos compreender a relação desses três elementos, realizando assim um processo chamado de **análise funcional**.

Ao tentar compreender o comportamento é preciso então: (1) tentar identificar com clareza qual é a resposta em questão; (2) identificar, quando possível, o estímulo antecedente ao qual ela está relacionada; (3) identificar, quando possível, o estímulo consequente ao qual está relacionada; (4) identificar a função dessa resposta na modificação dos estímulos com os quais está relacionada. Esse quarto elemento citado aqui será melhor esclarecido em conversas futuras sobre esse assunto.

Vamos, por enquanto, nos concentrar nos três primeiros. Assim, para analisar o comportamento, não basta identificar a resposta. Ela é apenas um dos elementos da relação que chamamos de comportamento. Para deixar isso mais claro, vamos a um exemplo: considere a resposta de "chorar" nas duas situações a seguir. (1) A mãe começa a tentar escovar os dentes do filho de 1 ano. Ele chora. Ela desiste de escovar os dentes dele. (2) No teatro, atriz diz ao ator que está apaixonada por outro homem. Ele olha pra plateia e chora. O público fica emocionado. O diretor fica satisfeito com a atuação do ator.

Perceba que se olharmos só a resposta "chorar", vamos dizer que são mesmo comportamento. No entanto, se levarmos em consideração tudo que está envolvido, perceberemos que são apenas a mesma **resposta**, mas diferentes comportamentos. No primeiro caso, o choro interrompeu um estímulo desagradável para a criança. No segundo caso, o choro teve como consequências, os elogios do público e do diretor, convites para participar de novos trabalhos, etc. Como elas produzem consequências diferentes, podemos dizer que têm **funções** diferentes: o primeiro choro retira consequências aversivas, o segundo produz consequências positivas.

Devemos analisar a relação e a função dos elementos que constituem o comportamento e não somente a forma como ele se apresenta. É possível ter uma

mesma resposta produzindo consequências diferentes no ambiente, como no caso do choro que vimos anteriormente. Mas também é possível ter diferentes respostas produzindo a mesma consequência. Por exemplo, uma criança que deseja conseguir um copo de água, pode apontar para um copo, ficar próximo à geladeira, ou levar um adulto até a geladeira. Essas são respostas diferentes, mas estão relacionadas a uma mesma consequência, que seria a obtenção da água.

Além disso, é possível que ocorram situações nas quais uma resposta produz mais de uma consequência ao mesmo tempo. Se as consequências se "somarem", funciona da mesma forma que já discutimos: se são consequências positivas, aumenta a frequência do comportamento, e se forem negativas, diminui. É o caso, por exemplo, de sair de casa para tomar um sorvete – temos duas partes boas (passear e tomar o sorvete). Entretanto, às vezes, há o que chamamos de **concorrência**: a resposta produz consequências positivas e negativas ao mesmo tempo. Nesse caso, a mais forte (em intensidade, ou que estamos a mais tempo sem) prevalece. É o caso por exemplo de ir ao dentista: o procedimento pode doer, mas depois irá ficar melhor. Nós em geral decidimos se vamos ou não de acordo com o quanto está doendo.

Por vezes, rótulos são criados para descrever o comportamento de uma determinada criança. Porém, esses rótulos não explicam por que o comportamento ocorre, e ainda dificultam a tarefa de compreender como e quando o comportamento ocorre e o que acontece quando ele ocorre. Por exemplo, dizer que uma criança é hiperativa, diz muito pouco sobre o comportamento dessa criança. Essa descrição está voltada somente para as respostas da criança. Por outro lado, dizer que quando a aula se prolonga por mais de uma hora, a criança começa a olhar para os lados, mexer na mochila, cutucar o colega da sala e pedir para ir ao banheiro, nos fornece muito mais informações.

Um dos grandes problemas da rotulação do comportamento como uma explicação para o mesmo é que entramos em um tipo de raciocínio circular, ou seja, que não avança em direção alguma. Dizemos que a criança não presta atenção na aula porque é hiperativa e dizemos que a prova de que ela é hiperativa é que ela não presta atenção na aula. Além de circular, esse tipo de pensamento impede que algo possa ser realizado para ajudar a criança a ter um bom desempenho acadêmico ou aumentar seu

nível de concentração. Para entender o comportamento da criança seria necessário fazer uma análise de quais são as situações (estímulo discriminativo/antecedente) em que a criança emite a resposta de ficar agitada e não prestar atenção na aula, e que consequências seguem a essa resposta.

Vamos praticar um pouco?

Recapitulando...

1. Dentre as opções dadas, escolha a descrição que é mais comportamental:[1]

Opções	Sua Resposta
a) mostra iniciativa b) realiza tarefas domésticas	
a) está vestido para ir à escola às 8 e meia b) é de confiança	
a) não conclui suas tarefas b) é facilmente desencorajado	
a) dá as mãos a qualquer um b) faz qualquer coisa para conquistar amigos	
a) sabe as cores b) separa coisas vermelhas das verdes	
a) é hostil a quem tem a autoridade b) bate nas pessoas	

[1] Exercício retirado integralmente do *Manual Ajude-nos a Aprender*.

a) não fala com seus pares b) é tímido e retraído	
a) é hiperativo b) corre demasiadamente em volta da casa	
a) olha para a pessoa com quem fala b) presta muita atenção	
a) seca os cabelos até a água parar de pingar b) seca os cabelos razoavelmente bem	
a) come espalhando tudo b) mastiga de boca aberta	
a) chora e foge de gatos b) tem medo de gatos	
a) diz "por favor" e "obrigado" na hora adequada b) tem consciência da importância de ser educado	
a) compreende fatos sobre adição b) tira 100% em um teste com situações adicionais	
a) gosta de ver TV b) assistir TV 3 horas por dia	

2. No quadro a seguir serão apresentadas algumas situações para que você complete quais os estímulos discriminativos, respostas e consequências que poderiam estar envolvidas.

Estímulo Discriminativo	Resposta	Consequência
	Não prestar atenção na aula.	
	Chorar	
	Brigar com o irmão	
		Mãe entrega o Brinquedo
Chegar na casa da avó		
Ir ao supermercado		
		Criança não vai para aula
	Brincar com alguém	
	Trabalhar no final de semana	

3. Dê um exemplo de situação na qual a mesma resposta tenha duas funções diferentes, e um exemplo de diferentes respostas tendo a mesma função.

Tarefa para casa: Observe seu filho(a) e faça a análise funcional de três comportamentos dele(a).

Estímulo Discriminativo	Resposta	Consequência

Referências

Canaan, S., Neves, M. E., Silva, F., & Rober, A. (2002) *Compreendendo seu filho: uma análise do comportamento da criança*. Belém: Paka-Tatu.

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.* (4ed). *Porto Alegre: Artes Médicas.*

Lear, K. (2004). *Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA*. (2ed). Toronto. Retirado de: http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Weber, L. (2005). *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites.* Curitiba: Juruá.

CAPÍTULO 3 - FORTALECIMENTO DO COMPORTAMENTO

OBJETIVO: *Ao final deste capítulo, você deverá ser capaz descrever e dar exemplos de: reforçamento positivo, negativo (fuga e esquiva) e extinção. Identificar reforçadores arbitrários e naturais. E descrever esquemas de reforçamento.*

Vimos no módulo anterior como realizar análise funcional. Aprendemos que nosso comportamento pode ser explicado quando atentamos para a tríade: estímulo discriminativo, resposta, consequência. Aprendemos também que o comportamento humano pode **aumentar ou diminuir de frequência de acordo com as consequências** produzidas por ele. Estudaremos neste módulo o **reforçamento positivo e negativo,** que são dois tipos de situações em que há aumento na frequência do comportamento.

Pare agora e pense sobre as coisas que você faz no dia-a-dia. Quantas dessas coisas você faz (e continua fazendo) porque trazem consequências prazerosas para você? Seja receber elogio de alguém, ou comer algo gostoso, por exemplo. O que você faz quando quer comer seu prato preferido? Ou quando você quer ouvir uma música que você adora? Bom, mas nem tudo são flores, não é verdade? Há muitas situações em que fazemos coisas para evitar que algo desagradável ocorra. O que você costuma fazer para se livrar ou evitar algo indesejado ou desagradável? O que você faz quando seu sapato está muito apertado? Ou quando tem que evitar o trânsito engarrafado? O que você faz para reduzir as chances de sofrer um assalto? Converse um pouco com um monitor sobre isso.

Reforçamento Positivo

Se ao ver o filho brincando com outras crianças os pais o elogiam na frente de todos, dizendo o quanto ela 'brinca direitinho' e tem amiguinhos, e a criança gosta de ouvir o elogio, provavelmente essa criança procurará brincar com seus amigos novamente. Ou seja, seu comportamento será fortalecido e aumentará de frequência. **Repare que só será reforçador se a criança gostar de ser elogiada na frente das pessoas**. Uma criança com comportamentos descritos como tímidos, que não goste de receber elogios em público, provavelmente deixaria de brincar novamente. Sendo assim é necessário que a consequência seja reforçadora. Observe:

	Estímulo Discriminativo	Resposta	Consequência
Pais	Ver o filho brincando com amigos.	Elogiar.	A criança sorri e continua brincando.
Criança	Presença dos pais.	Brincar com os amigos.	Receber elogio dos pais.

Voltando à questão do valor do reforço, podemos observar que nem tudo que é reforçador para uma pessoa será para outra, pense sobre você e seu conjugue: vocês gostam das mesmas coisas? Provavelmente não, você pode adorar jazz e ele não, de modo que se vocês forem a um bar que só toque jazz a probabilidade de você querer voltar lá é maior do que a do seu parceiro.

Existem muitos tipos de reforçadores alguns podem ser naturais e outros arbitrários. O **reforço natural** é produzido pela própria ação do organismo no ambiente, por exemplo, imitar uma pessoa é reforçado pela própria resposta de conseguir imitar, assim como dançar também é reforçado pela ação em si. Já o **reforço arbitrário** é indireto, por exemplo, se ao imitar adequadamente eu recebo um elogio do meu pai, esse elogio é um reforço arbitrário, da mesma forma, se ao dançar as pessoas batem palma e comentam como danço bem, essa consequência é um reforçador arbitrário. Pare um pouco agora e procure fazer uma lista de quais são os reforçadores naturais e arbitrários com os quais seu filho mais entra em contato. Conte com a ajuda do monitor para isso.

Por vezes, os pais têm medo de que ao reforçar o comportamento da criança ele esteja "comprando" o seu bom comportamento. Porém, para que a criança entre em contato com o reforçamento natural de seu comportamento, muitas vezes é preciso que primeiramente ela emita aquele comportamento e entenda que ele é adequado. Nessa aprendizagem, o reforço arbitrário pode ajudar e muito. Isso é mais evidente em crianças com algum atraso no desenvolvimento onde o reforço natural do

comportamento pode não ter o valor reforçador que teria para crianças com desenvolvimento típico. Pense sobre o contato visual, que é o comportamento de olhar para o rosto de outra pessoa. Esse comportamento aparece desde muito cedo e tem um valor reforçador muito grande para as crianças com desenvolvimento típico. Porém, crianças com autismo, não só parecem não considerar a atenção e o olhar dos outros como reforçadora, como muitas vezes agem como se isso fosse aversivo, evitando esse tipo de contato face a face. É necessário, portanto, intervir neste comportamento, tornando o olhar no olho do outro algo reforçador para criança, fazendo assim com que essa resposta aumente de frequência.

Lembre você não estará comprando o comportamento desejado, mas ensinando a criança a forma adequada de se comportar, ao poucos esses reforçadores arbitrários, como entregar um brinquedo se a criança olha pra você, será substituído por reforçadores naturais, como a atenção dos pais.

Podemos ter acesso a consequências reforçadoras em diferentes esquemas, razão (fixo ou variável), intervalo (fixo e variável) e contínuo. Para matar o chefão de um jogo de vídeo game classicamente precisamos emitir três respostas de bater nele, esse é um exemplo de reforçamento por **razão fixa**. Conseguir completar uma ligação em algumas operadoras de celular, é um esquema de **razão variável**, você precisa apertar no botão ligando um número variável de vezes até que complete uma chamada. Uma pessoa que recebe o salário sempre no segundo dia útil do mês está em um esquema de **intervalo fixo**. Já outra que receba por comissão conforme vai fechando contratos recebe por **intervalo variável**. No **reforçamento contínuo** cada resposta emitida recebe uma consequência positiva, de modo imediato ou com atraso, por exemplo, ao colocar uma moeda em uma máquina de refrigerante. Em geral ao começar programas de ensino com crianças com autismo é importante que o reforço seja **contínuo e imediato**. Converse com um monitor sobre esses esquemas de reforçamento, procure pensar em outros exemplos. Eles o ajudarão na aprendizagem.

Reforçamento Negativo

Não é apenas o reforçamento positivo que aumenta a frequência de uma determinada resposta. Isso também pode ocorrer através do **reforçamento negativo**. Dizemos que uma resposta está sendo reforçada negativamente quando ela é

reforçada pela retirada de um estímulo aversivo, ou seja, de algo que é desagradável para a pessoa. Por exemplo, se alguém está fazendo muito barulho na frente da dua casa, você pode fechar a janela. Se isso reduzir o barulho, a resposta de fechar a janela terá sido reforçada. Como sabemos disso? Ela se tornará mais frequente nas próximas ocasiões em que houver barulho na rua.

O reforçamento negativo pode ser de dois tipos, **fuga e esquiva.** Pense em quantas vezes na sua rotina você faz uma coisa para fugir de uma determinada situação desagradável, ou para evitá-la antes mesmo de ela acontecer.

Chamamos de fuga, quando o estímulo aversivo já está presente no momento em que emitimos a resposta. Por exemplo, ao dar um remédio amargo para uma criança, ela pode emitir a resposta de cuspir o remédio, essa resposta é considerada de fuga pois foi emitida para remover um estímulo aversivo já presente (o gosto amargo do remédio). Por outro lado, ao perceber que a mãe pegou a caixa do remédio, a criança pode emitir a resposta de se esconder ou mesmo ela pode jogar fora os remédios quando a mãe não está vendo. Essas respostas são de esquiva, visto que a criança estará retirando o estímulo aversivo (gosto amargo do remédio) antes que ele seja apresentado.

É importante ressaltar que emitir comportamento de fuga e esquiva não é algo ruim. Pense em quantas vezes fazemos isso por dia. Se você está andando na rua quando começa a chover, a resposta de correr à procura de um abrigo é uma resposta de fuga, evitando que você se molhe e até pegue um resfriado. Da mesma forma, ao escovar os dentes após cada refeição, você está evitando ter cárie e sentir dor.

Observe o resumo no quadro a seguir:

"Um estímulo foi acrescentado ou retirado do ambiente?
- Se foi acrescentado, a consequência é um **reforço positivo.**
- Se foi retirado, a consequência é um **reforço negativo.**
  a. O estímulo estava presente ou ausente no momento em que o comportamento foi emitido?
     i. Se estava presente, trata-se de um **comportamento de fuga.**
     ii. Se estava ausente, trata-se de um **comportamento de esquiva."** (p. 150)

Recapitulando ...

1. Relate um comportamento do seu filho que você consequencia positivamente.

2. Relate um comportamento de fuga e um de esquiva que seu filho já tenha apresentado.

3. Que comportamento do seu filho você já tentou extinguir? Como foi a experiência? O que deu certo ou errado? Por quê?

4. No começo de uma intervenção, qual melhor forma de reforçar a resposta de uma criança com autismo?

5. Que reforços naturais e arbitrários você utiliza com seu filho?

Tarefa para Casa: Observe sua interação com seu filho em casa e descreva situações em que estejam acontecendo:

	Estímulo Discriminativo	Resposta	Consequência
Reforçamento Positivo			
Reforçamento Negativo (Fuga)			
Reforçamento Negativo (Esquiva)			
Extinção			

Referências

Canaan, S., Neves, M. E., Silva, F., & Rober, A. (2002) *Compreendendo seu filho: uma análise do comportamento da criança*. Belém: Paka-Tatu.

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.* (4ed). *Porto Alegre: Artes Médicas.*

Lear, K. (2004). *Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA*. (2ed). Toronto. Retirado de:

http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Weber, L. (2005). *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites.* Curitiba: Juruá.

CAPÍTULO 4 - ENFRAQUECIMENTO DO COMPORTAMENTO

OBJETIVO: *Ao final deste capítulo, você deverá entender como uma dada resposta pode ser enfraquecida por punição positiva, negativa e extinção. Deverá também identificar qual a forma mais adequada de realizar uma punição.*

No nosso último encontro, estudamos como podemos fortalecer determinadas respostas, ou seja, torná-las mais prováveis de ocorrer, através do **reforçamento positivo** e do **reforçamento negativo**. No encontro de hoje, falaremos sobre formar de se enfraquecer uma resposta, reduzindo sua probabilidade de ocorrência.

Quando falamos de enfraquecer uma resposta, automaticamente estamos nos referindo a um dos dois tipos de processos de redução de frequência de resposta: **Punição** ou **Extinção**. Vamos entender melhor o que significa cada um desses conceitos.

Punição

Pense em algumas vezes que seu comportamento foi punido por alguém. Como isso aconteceu? Geralmente, quando falamos de punição, pensamos logo em algo referente a castigo, palmadas, beliscões. No passado, que esperamos que seja cada vez mais passado, aplicava-se punição severa nas escolas e em casa, na educação dos estudantes e dos filhos. Felizmente, hoje existem leis que explicitamente proíbem o uso de maus tratos, constrangimento, ou qualquer outra forma de intimidação, mesmo que sob a (falsa) justificativa de que seja para educar a criança ou para o bem dela. A punição, contudo, não desapareceu dos lares e da escola. Ainda permanecem entre nós outras formas muito mais sutis de punir o comportamento. Essas formas sutis de punição estão mais presentes no nosso cotidiano do que estamos habituados a pensar.

A punição refere-se à redução da frequência de uma determinada resposta e, portanto, redução da probabilidade de essa resposta ocorrer no futuro. A punição de uma resposta pode se dar de duas formas:

- **Punição positiva:** é a punição de uma determinada resposta através da apresentação de um estímulo aversivo (+ estímulo aversivo). Dizemos que essa punição

é positiva porque a resposta produz a apresentação (acréscimo) de um estímulo punitivo no ambiente. Por exemplo, se um bebê ao engatinhar pela casa resolve explorar a tomada elétrica, ele tomará um choque. Nesse caso o choque elétrico é o estímulo punitivo. A resposta de colocar o dedinho na tomada produziu (acrescentou) ou choque elétrico no ambiente do bebê: se ele não tivesse colocado o dedinho na tomada, não teria tomado o choque. Se o bebê parar de tentar colocar o dedo na tomada nas próximas ocasiões que estiver brincando naquele espaço, então dizemos que a resposta "colocar o dedo na tomada" foi punida positivamente, pois foi seguida do estímulo aversivo (a consequência) "choque". Esse acontecimento alterou a probabilidade de a mesma resposta ocorrer no futuro.

- **Punição negativa:** é a punição de uma determinada resposta através da retirada de um estímulo reforçador: a resposta subtrai um estímulo reforçador do ambiente. Dizemos que essa é punição negativa pois a resposta provoca a retirada (subtração) de estímulos do ambiente (no caso, estímulos reforçadores). Veja o exemplo a seguir: João adora brincar com seus bonecos de super-heróis, mas ao brincar com bonecos **fez uma enorme bagunça** na casa, deixando sua mãe muito aborrecida. Como consequência, sua mãe determinou que ele ficaria dois dias sem brincar com seus brinquedos preferidos. Então, João agora toma mais cuidado para não bagunçar, pois a resposta "fazer bagunça" foi punida negativamente com a retirada dos estímulos reforçadores "brinquedos preferidos". É importante ressaltar aqui que foi a resposta de fazer bagunça que provocou a remoção dos brinquedos. Se João não tivesse feito bagunça, ele não teria perdido seus brinquedos por dois dias.

É importante lembrar que tecnicamente punição **só ocorre quando a frequência da resposta for efetivamente reduzida**. Algumas vezes achamos que estamos punindo uma resposta, mas estamos fazendo o contrário.

Vejamos um exemplo bastante comum na seguinte situação: suponha que a pequena Maria de 2 anos de idade adore que sua mãe lhe dê alguma forma de atenção, mesmo que seja para interferir no que ela está fazendo. Maria e sua mãe estão tomando sol no jardim. A mãe fala ao telefone celular com amigas e ignora o que Maria está fazendo. Maria então começa a destruir algumas flores lindas. A mãe imediatamente vai até lá, se baixa, fala bem próximo ao rosto de Maria "não, não... não faça isso minha

filha!!!" e chacoalha as mãos dela. Maria olha pra mãe, sorri e espera um pouco. A mãe retoma a conversa ao telefone. Maria vai diretamente para a próxima flor e começa a destruí-la. Nesse caso, pode parecer que houve punição positiva, mas o efeito não comprova isso. Podemos até dizer que a resposta está sendo reforçada e que a interação da mãe com Maria está sendo o reforçador, se Maria destruir flores cada vez mais. Maria só tem a atenção da mãe se fizer algo errado, nesse caso. Se ela ficar comportadinha no jardim, vai ser ignorada pala mãe o tempo todo. Você certamente já viu uma criança fazendo algo errado e olhando para ter certeza que os pais estão vendo, muitas vezes chamando por estes antes de emitir a resposta inadequada.

Outro exemplo pode ser ilustrado com o pequeno Pedro. Ele tirou notas baixas na escola e o pai o proibiu de jogar vídeo-game por um mês (aparentemente punição negativa). Porém, Pedro tem acesso a outros tipos de jogos no computador, então é provável que aquela contingência não tenha efeito de punição. Entretanto, o pai considerou que foi uma forma de punir. É muito provável que Pedro continue não se esforçando o suficiente para tirar notas boas, porque a retirada do aparelho de vídeo-game, não representou a retirada de algo realmente reforçador para Pedro. Ele continua tendo acesso aos jogos. Então, não houve punição.

Note também que as palavras "positiva" e "negativa", na indicação do tipo de punição, não têm o sentido de "bom" e "ruim". Falamos em punição positiva se o indivíduo, ao emitir uma resposta, produz algo no ambiente que não havia antes; e falamos em punição negativa quando ele retira algo do ambiente. Portanto, não se deve achar que Punição Positiva é "uma boa punição".

Tanto a punição positiva quanto a negativa provoca emoções desagradáveis naquele que é punido. Não é difícil entender isso: pense, por exemplo, nas vezes em que foi punido(a) na escola, ou que foi repreendido publicamente no trabalho. Você pode ter ficado com raiva, triste, pode ter chorado etc.

Mesmo assim, infelizmente, a punição faz parte do nosso dia-a-dia. A resposta de **ir às ruas do comércio de Belém** no meio da tarde, provavelmente vai produzir contato com sol intenso, muito calor, talvez chuva. Esses eventos podem punir (positivamente) sua resposta de **ir ao comércio** neste horário. O trânsito engarrafado de uma grande cidade pode funcionar como estímulo punidor. Suponha que você tenha

decidido **ir para casa por um novo caminho** e acabou ficando preso(a) por muito tempo no trânsito. Isso pode funcionar como punição positiva e pode fazer com que você não tome mais aquele caminho. Ter redução do salário por **chegar atrasado** é uma forma de punição negativa, que provavelmente vai diminuir a probabilidade de você se atrasar. Reflita um pouco sobre a sua rotina, quantos eventos punitivos você entra em contato todo dia desde o momento em que seu despertador toca? Discuta alguns exemplos com um dos monitores.

Formas adequadas de aplicar punição

Uma coisa precisa ser dita antes de qualquer coisa: devemos fazer de tudo para evitar o uso da punição, especialmente na educação dos nossos filhos. Uma educação baseada na punição é uma educação que gera medo, opressão, ansiedade. Não é assim que queremos que seja a nossa relação com nossos filhos, não é verdade? Os efeitos emocionais desagradáveis da punição podem começar a ser sentidos também na presença daquele que pune (por exemplo, a professora) ou quando se volta ao local onde se foi punido (por exemplo, a escola). Aliás, se uma criança tem medo ou fica muito ansiosa quando vê os adultos que a educam, ou quando é levada para a escola, isso pode ser um sinal de que sua educação está baseada em punição, o que não é bom.

Vamos então a algumas dicas importantes. Sempre que possível, **ao invés de punir uma resposta inadequada da criança, devemos tentar encorajá-la a fazer alguma outra coisa (uma resposta adequada) que possamos reforçar** e, assim, interromper a resposta inadequada. Para citar um exemplo, suponha que seu filho esteja tentando escalar a estante da sala. Sabemos que isso é muito perigoso. Queremos que essa resposta tenha sua freqüência o mais próxima de zero. Ao invés de nos concentrarmos somente em punir essa resposta, certamente será mais eficiente se encontrarmos imediatamente outra brincadeira para essa criança naquele momento (se ela só estava escalando a estante por brincadeira) ou ensiná-la outra forma de alcançar alguma coisa na estante (caso seja essa a razão da escalada), como por exemplo, pedindo aquilo que ela quer.

Em alguns casos, contudo, a punição é inevitável. **Nesses casos, planeje sempre uma forma de punição negativa**, ou seja, aquela forma de punição em que a

resposta a ser punida produz a remoção (retirada) de algum reforçador muito valorizado para a criança.

Vamos a um exemplo: suponha que José, um lindo menino de dois anos de idade, adore ficar com a mãe brincando em frente de casa (esse é um reforçador muito importante para José). Sua mãe, contudo, não gostaria que ele tentasse atravessar a rua. Isso é muito perigoso. Essa resposta pode colocar em risco a vida do pequeno José. Assim, sua mãe resolveu tirar um tempo para ensinar seu filho. Ela explica que eles vão brincar na calçada, mas que se ele for para a rua, a brincadeira termina imediatamente (punição negativa). Ela inventa brincadeiras que podem ser perfeitamente feitas na calçada. Se ele, por algum motivo, tenta atravessar a rua, ela interrompe a brincadeira e leva José para dentro de casa por vinte minutos, mais ou menos. Ele certamente vai chorar, protestar e pedir pra voltar pra calçada. A mãe tem que ser firme e mostrar claramente que a brincadeira acabou porque ele desceu a calçada. É importante explicar isso pra criança, mesmo quando ela ainda não compreende completamente a fala dos pais. A mãe precisa mostrar que não adianta protestar agora. Depois de um tempo, quando José já está calmo, a mãe então começa tudo de novo, explicando que, se ele quiser, ambos vão brincar na calçada, mas que não é permitido ir para a rua, caso contrário a brincadeira termina.

Observe que, nesse caso, a resposta a ser punida é **descer da calçada** (ou ir para a rua). Essa resposta provoca a interrupção da brincadeira na calçada, que é um reforçador importante para José. A resposta é punida negativamente. Ser agressivo com José, ou gritar com ele (punição positiva) pode não ser efetivo e ainda pode fazer com que ele imite a mãe, sendo agressivo e gritando, quando for contrariado (exatamente como a mãe fez).

Adicionalmente à punição negativa, no caso de José, a mãe poderia também reforçar positivamente o fato de que José fica brincando na calçada por alguns minutos sem tentar ir para a rua. Ela pode elogiá-lo por isso. Participar das brincadeiras que ele mais gosta e até combinar com ele que, se continuar daquela forma, a mãe e ele vão poder fazer mais e mais coisas que José gosta, talvez um lanchinho gostoso depois de tanto brincar. O mesmo pode ser feito com relação a comportamento agressivo, por

exemplo. Nesse caso, a brincadeira terminaria para uma determinada criança se ela for agressiva com as outras.

É importante que a punição seja aplicada de forma imediata e muito clara para a criança, de forma que ela saiba exatamente o que fazer e o que não fazer. Suponha que a mãe de José tenha feito todo o trabalho de educação acima descrito por vários dias, mas o pai de José não ajuda a manter a organização do ambiente da criança, de forma que quando ele leva José para frente de casa, ele às vezes permite, outras vezes proíbe que ele saia da calçada. Às vezes ele grita com José se ele for pra rua. Outras vezes não faz nada. Se José teima, acaba podendo fazer o que quiser. A mãe cansa por uns dias e passa a deixar José fazer o que quiser. Esse ambiente é extremamente confuso para José. Ele pode aprender que ele consegue ir pra rua, desde que teime muito.

Há casos piores, em que o adulto permite ou pune certos comportamentos da criança a depender se está bem humorado naquele dia, ou se está mais paciente etc. Isso poderá gerar uma ansiedade muito grande na criança que não saberá quando seu comportamento é adequado ou inadequado. Neste sentido, é essencial que se estabeleçam regras da casa que deixem claro quais respostas geram quais consequências. O comportamento se seu filho será muito mais organizado se o ambiente em que ele vive tiver regras claras e rotinas adequadas a ele.

Esse procedimento acima descrito ficou famoso em um programa de televisão como o 'cantinho da disciplina' (ou "*time-out*"), onde ao fazer algo inadequado a criança era afastada da situação indo para um lugar sem atrativos, para refletir sobre o que havia feito e somente era retirada quando o comportamento inadequado não estava mais presente. Ele corresponde ao que conhecemos como "colocar de castigo" e consiste na retirada de reforçadores (brincadeiras, atenção, jogos, etc.) por um pequeno intervalo de tempo, essa técnica não deve ser aplicada a todo momento.

Outro modo eficaz, especialmente aplicado em comportamentos que não envolvem danos ou riscos para a criança ou para outras pessoas, é a ação dos pais de **ignorar o comportamento** da criança, como se ele não estivesse sendo emitido. Os pais só dão atenção novamente diante de comportamentos adequados. Imagine, por exemplo, que a criança esteja emitindo a resposta de reclamar da comida. Os pais

podem simplesmente continuar a refeição sem dar atenção aquela respostas (lembrando que frases como 'coma logo isso', 'pare de reclamar', 'tanta gente passando fome', etc, podem reforçar o comportamento da criança, e não punir). Esse modo de enfraquecimento do comportamento também pode ser considerado como uma *extinção* quando ocorre com planejamento. Explicaremos isso melhor a seguir.

Extinção

Agora vamos falar de outro modo de reduzir ou eliminar a frequência de uma resposta: vamos falar da **Extinção**. Em primeiro lugar, podemos pensar que se uma resposta acontece com muita freqüência, ela está sendo reforçada. A Extinção é a suspensão do reforçamento. A resposta, que estava sendo reforçada, deixa de produzir as conseqüências reforçadoras que a mantinham tão frequente. Nesse caso, dizemos que a resposta, se realmente reduzir de freqüência, está em extinção. Por exemplo, imagine que uma criança grita muito e faz birra quando vai ao supermercado. A mãe percebeu que, por muito tempo, reforçou essa resposta, dando aquilo que a criança queria quando ela faz birra. A partir desse dia, a mãe passou a colocar as respostas de birra em extinção. A mãe não mais cede à birra e não dá o que a criança está exigindo. Frente às indiscutíveis negações da mãe, a criança aprende que não adianta ela gritar e fazer birra, pois a mãe não vai ceder às vontades dela. Ou seja, o reforço não foi apresentando nenhuma vez contingente às respostas de birra e, deste modo, pode ocorrer a Extinção das respostas indesejadas.

A mudança de um chefe no trabalho, por exemplo, pode fazer com que seu trabalho, que antes era sempre elogiado, deixe produzir essa consequência. Isso pode fazer com que você deixe de se esforçar e/ou de esperar pelo elogio. Certamente você já realizou ou passou por um processo de extinção em algum momento. Uma pessoa pode, por exemplo, contar uma história muito engraçada da qual todos seus amigos riem (reforço para quem conta a história). Mas, ao contar a história para um grupo de mal humorados, eles podem não rir (extinção). Assim, a pessoa pode até insistir, mas depois tende a parar de contar histórias.

Outro exemplo de extinção da resposta é o da resposta de ligar para alguém. Suponha que namorada de Antônio sempre atendia os telefonemas dele. Eles terminaram o namoro, mas ele continua ligando pra ela. A resposta de ligar para a ex-

namorada está sendo reforçada. Mas, se ela parar atender, a resposta de ligar é colocada em extinção. Pense um pouco sobre isso. Tente lembrar de situações em que alguma resposta sua tenha sido colocada em extinção ou que você tenha colocado respostas de alguém em extinção. Como vai ser, depois que a ex-namorada colocar em extinção a resposta de Antônio ligar para ela?

A extinção é muitas vezes necessária. Respostas de birra e agressivas em suas crianças, se já foram reforçadas no passado deverão se extinguir. Vocês certamente gostariam que houvesse uma diminuição na frequência destas respostas. Porém, deve-se estar atento a uma questão importante, que é o processo como ocorre a extinção. Frequentemente a extinção não é rápida, especialmente se a resposta já foi muitas vezes reforçada no passado. A extinção também ocasiona respostas emocionais desagradáveis. A pessoa pode sentir raiva, tristeza, decepção. Inicialmente, a resposta pode até ficar mais frequente do que era quando estava sendo reforçada. Ou seja, é provável que antes de o comportamento diminuir de frequência, ele primeiro *aumente*. Por exemplo, ao se tentar extinguir uma resposta de birra da criança, ela comece a chorar mais alto, gritar, se bater com mais força, bater nos pais, derrubar coisas, etc. Se os pais desistirem da extinção e derem à criança o que ela quer ou permitirem que ela faça o que deseja, o que eles estarão ensinando é que quanto mais alto for o grito maior a probabilidade de se conseguir o que deseja. Por isso é muito importante que os pais estejam preparados para esse aumento na intensidade da respostas, para que só então (ao perceber que chorar não adianta) ela comece a reduzir de frequência.

Por fim é preciso estar atento a outros reforçadores que possam estar atuando na resposta da criança. Observe a charge a seguir:



Primeiro quadrinho:
Eu acho que vou ignorar o Johnny comendo esses biscoitos e extinguir isso.
Segundo quadrinho:
3 meses e muitos biscoitos depois
Eu me pergunto porque extinção não funcionou.

Como você pode observar, não adianta a mãe tentar colocar em extinção o comportamento do filho comer biscoito apenas retirando a atenção social, uma vez que a resposta de comer biscoito é reforçada pelo próprio sabor do biscoito.

E quando o comportamento inadequado já está bem estabelecido?

Muitas vezes reforçamos comportamentos inadequados, seja para nos livrarmos de um estimulação aversiva, como uma avó que faz tudo o que a criança quer para que ela não chore, ou para ter contato com um reforçador positivo, como um pai que sempre compra presentes caros para que sua filha sorria e diga que está feliz.

Porém, quando um comportamento inadequado está bem estabelecido em uma criança, a ação de ignorá-los ou puni-los pode requerer um trabalho maior. Como víamos anteriormente, a tendência de uma resposta ao ser colocada em extinção é primeiramente aumentar de frequência. Então, ao ignorar o comportamento de se morder de uma criança, por exemplo, os pais poderiam correr o risco com isso de ela aumentar a intensidade da mordida, se machucando severamente.

Para descobrir a melhor forma de agir é necessário realizar uma análise funcional do comportamento da criança. Imaginemos a seguinte situação: Sempre que é contrariado, Bruno emite a resposta de se morder, seus pais então procuram identificar todas as situações em que Bruno se morde e descobrem que esse é um comportamento mais frequente quando ele é contrariado ao fazer algo como comer, tomar banho, guardar brinquedos. Ao invés de colocar o comportamento de se morder em extinção, os pais decidem se antecipar a ele, oferecendo reforçadores positivos para criança fazer a ação, como por exemplo, levar um boneco que ele goste junto para o banho e dar a bala favorita da criança após o banho, fazendo assim com que o banho perca o valor aversivo e passe a ser reforçador, e prevenindo que a resposta de se morder seja emitida.

Imaginemos agora outra situação. Alice só dorme no quarto dos pais e chora intensamente ao ser colocada na própria cama. Colocar Alice em sua cama, fechar a porta e ignorar o choro pode até mudar sua resposta, porém os efeitos colaterais de uma extinção tão brusca não são adequados para a criança. Uma forma de modificação dessa resposta seria, por exemplo, colocar a criança no quarto, deitar na sua cama e ler

para ela até que ela durma. Aos poucos você pode sair da cama e ler para ela sentado em uma cadeira até a criança adormecer, e em seguida após a história você pode estabelecer que é o horário de dormir e ficar sentado em silêncio até a criança adormecer. Após esse processo, depois de ler a história você pode dizer que é horário de dormir e sair do quarto para que ela adormeça sozinha.

Recapitulando:

1. Formule um exemplo de punição positiva e um de punição negativa.
2. Porque o uso de punição não é adequado e duradouro?
3. Quais seriam as formas menos prejudiciais de punição?
4. Como o uso de reforçamento positivo pode evitar o uso de punição?
5. O que é extinção?
6. Por que é importante fazer uma análise funcional antes de fazer uma punição negativa ou uma extinção?

Referências

Canaan, S., Neves, M. E., Silva, F., & Rober, A. (2002) *Compreendendo seu filho: uma análise do comportamento da criança*. Belém: Paka-Tatu.

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.* (4ed). *Porto Alegre: Artes Médicas.*

Guilhardi, H. J. (2001). *Punição não é castigo.* Retirado de: http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/helio/Punicao_castigo.pdf.

Lear, K. (2004). *Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA*. (2ed). Toronto. Retirado de: http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Weber, L. (2005). *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites.* Curitiba: Juruá.

Canaan, S. O. et al. Compreendendo seu filho: uma análise do comportamento da criança. Belém: Paka-Tatu, 2002.

EXERCÍCIO DE REVISÃO

Utilize os conceitos que aprendeu até aqui e tente analisar **comportamento de João** nas situações abaixo. Procure identificar se as situações descrevem casos de reforçamento (positivo ou negativo), extinção, punição (positiva ou negativa).

João é muito apaixonado por Maria. Eles são namorados há seis meses. Como moram longe, adoram ficar conversando pelo telefone por horas trocando declarações de amor. Maria valoriza muito o fato de João ligar para ela com frequência e por isso sempre dá toda a atenção possível a João (1) [_____]. Um dia, sem querer, João se equivocou e ao se referir a Maria no telefone ele a chamou de Mariza, que é o nome da sua ex-namorada. Imediatamente Maria interrompeu a chamada e desligou o telefone. João ficou o resto do dia sem poder fazer contato com Maria (2) [_____]. Numa outra ocasião, quando já estava tudo bem ente João e Maria, houve uma falha muito grande na rede de telefonia, de forma que João ligou várias vezes para Maria, mas a ligação não se completava. João ficou muito irritado, e ligou vária vezes seguidas sem sucesso. Aos poucos desistiu de ligar naquele dia (3) _____.

No dia do aniversário de Maria, João ligou para ela de manhã bem cedo. Todos estavam dormindo na casa. A mãe de Maria atendeu e foi muito rude com João (4) _____. João passou muito tempo sem jamais ligar para a casa de Maria de manhã cedo. Mas hoje não teve jeito, e João teve que ligar cedo para Maria. Novamente quem atendeu foi a Mãe de Maria. Percebendo isso, João desligou imediatamente o telefone, antes que sua sogra até mesmo o reconhecesse pelo telefone (5) _____.

(1) Reforçamento Positivo.
(2) Punição negativa.
(3) Extinção
(4) Punição Positiva
(5) Reforçamento Negativo (Fuga)

CAPÍTULO 5 - CONTROLE DISCRIMINATIVO E GENERALIZAÇÃO

OBJETIVO: *Ao final deste capítulo, você deverá ser capaz de definir e identificar controle discriminativo respondente e operante. Diferenciar entre SD e S**Δ**. Identificar generalização.*

Nos nossos últimos encontros, aprendemos que podemos obter importantes informações sobre porque nos comportamos da maneira como nos comportamos quando decompomos o comportamento em estímulos antecedentes, respostas e consequências. Temos enfatizado mais o papel das consequências sobre a frequência das respostas. No nosso último encontro, aprendemos que determinadas consequências diminuem a probabilidade de uma resposta ocorrer (como no caso da punição positiva ou negativa). Aprendemos, antes ainda, que determinadas consequências aumentam a probabilidade de a resposta votar a ocorrer (reforçamento positivo ou negativo).

No nosso encontro de hoje, aprenderemos que os estímulos antecedentes exercem também um importante papel no controle do nosso comportamento. Os estímulos antecedentes também alteram a probabilidade de respondermos de uma determinada forma ou de outra. É isso que aprofundaremos hoje. Falaremos sobre **controle discriminativo**, ou seja, sobre como os **estímulos antecedentes** controlam nosso comportamento. Nosso foco é no que acontece antes de uma resposta ocorrer.

Respostas Eliciadas

Para começar o assunto, é importante tratar de um tipo de resposta sobre a qual ainda não tínhamos conversado até aqui: as respostas eliciadas. Você já parou para pensar que há certas respostas em nosso, por assim dizer, repertório comportamental, que têm pouca relação com as suas conseqüências? Pense, por exemplo, na resposta de **salivar** quando um suco ácido (como suco de limão, por exemplo) é colocado na nossa boca. Você deve ter salivado só de ler esse trecho do texto. Essa resposta (salivar), de fato, está muito mais intimamente ligada ao estímulo antecedente (o suco

de limão em contato com a nossa boca) do que com possíveis consequências desse salivar.

Só para brincar com esse exemplo, suponha que alguém ofereça um milhão de reais para você **NÃO** salivar quando o suco de limão for colocado na sua boca. Mesmo querendo muito ganhar esse dinheiro e mesmo achando que salivar teria consequências desastrosas (como a perda de um milhão) você provavelmente seria incapaz de evitar a salivação. Isso ocorre porque, nesse caso, a resposta de salivar é **eliciada** pelo suco de limão. A palavra "eliciar" aqui é muito importante, porque ela se refere a um tipo especial de relação entre o estímulo antecedente e a resposta. Essa relação de eliciação é caracterizada pelo fato de que o estímulo atua sobre receptores específicos do indivíduo (nesse caso as papilas gustativas) e provoca a resposta automaticamente. Existe uma preparação da nossa espécie para reagir dessa forma a esse estímulo. De fato, a relação entre a resposta de salivar e esse estímulo antecedente está na nossa história filogenética (história da nossa espécie). Nenhum de nós precisou aprender isso. Tratamos um pouco sobre isso no nosso segundo encontro, você está lembrado(a)?

Há muitos outros exemplos de respostas que são eliciadas por estímulos antecedentes: um jato de ar diretamente no olho elicia a resposta de piscar; um jato de ar frio sobre a pele elicia a resposta de arrepiar-se; o ruído agudo do atrito da ponta de uma faca sobre um pedaço de vidro elicia respostas de gastura; um barulho súbito elicia a resposta de sobressalto. Você conhece as respostas eliciadas pelo atrito da broca do dentista no esmalte do dente?

Há várias respostas emocionais que podemos entender e manejar melhor se consideramos que são respostas eliciadas. Uma cobra sucuri colocada no assento do seu carro vai eliciar um conjunto de respostas emocionais que aprendemos a chamar de medo. Algumas pessoas sentem aflição eliciada pela altura. Pense nas respostas emocionais que seriam eliciadas em você se alguém lhe colocasse em pé no topo de um prédio de vinte andares. Mas nem tudo é aversão. Uma pessoa pode eliciar respostas de aproximação e prazer na outra, como nos casos em que nos apaixonamos à primeira vista. Os deliciosos pratos típicos de nossa região eliciam várias respostas que podemos considerar como agradáveis.

Todos esses exemplos se referem ao que chamamos de comportamentos respondentes. Os comportamentos respondentes são, portanto, a interação entre estímulos eliciadores antecedentes e respostas eliciadas (também chamadas de reflexos).

Uma informação importante sobre o comportamento respondente é que a função eliciadora originalmente exercida por um determinado estímulo antecedente específico pode passar a ser exercida por outros estímulos (anteriormente neutros) se esses outros estímulos forem apresentados junto ou um pouco antes dos estímulos eliciadores algumas vezes. A isso chamamos de emparelhamento. Essa característica do comportamento respondente é que, explica, por exemplo, porque podemos salivar só de ouvir falar em "limão". Essa palavra foi frequentemente emparelhada com o "limão". Uma criança que foi mordida por um cachorro pode sentir medo, só de falar na palavra "cachorro", ou ao ouvir seu latido. Podemos ficar felizes e emocionados só por sentir o perfume de quem amamos. O perfume e a pessoa amada foram emparelhados muitas vezes. Podemos sentir náusea e perder o apetite se alguém falar em coisas nojentas na hora do almoço.

Essas respostas eliciadas aprendidas (como o medo do latido do cachorro, ou o prazer ao sentir o perfume da pessoa amada) tendem a se enfraquecer (extinguir) se o estímulo original e o estímulo condicionado deixarem de ser emparelhados. Suponha que a pessoa amada vai embora de forma que ela não está mais presente quando você inala o perfume deixado em algum objeto. Ou que a criança mordida pelo cachorro, conheça muitos outros cachorros depois e ouça seus latidos sem nunca mais ser mordido. Nesses casos, a resposta eliciada pelos estímulos condicionados tende a se enfraquecer. A isso, chamamos de extinção respondente.

Agora que você aprendeu um pouco sobre as respostas eliciadas, pode ser útil pra você saber que a exposição a pessoas ou ambientes desconhecidos pode eliciar muitas respostas emocionais desagradáveis (como medo, ansiedade) em nossas crianças diagnosticadas com autismo. Em alguns casos, pessoas diagnosticadas com autismo relataram que encarar alguém olho a olho lhes elicia certas respostas de aversão. Como enfraquecer essas respostas? Uma boa ideia é ir apresentando ambientes ou pessoas desconhecidas de forma gradual, esperando que essas respostas

emocionais se enfraqueçam antes de se exigir uma exposição mais profunda. Você já parou pra pensar que isso também ocorre com crianças com desenvolvimento típico? Você certamente já ouviu falar que bebês após os seis meses de idade podem passar a "estranhar" aqueles que ela não conhece. Os bebês têm reações muito significativas de medo, incluindo muito choro, quando são colocadas no colo de quem elas não reconhecem. Com os bebês com desenvolvimento típico, isso aos poucos vai naturalmente se extinguindo.

Respostas Emitidas

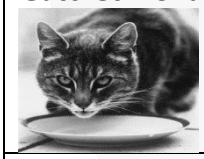
Vamos agora tratar um pouco sobre como os estímulos antecedentes afetam também as respostas que são mantidas pelas suas consequências (as respostas operantes). Nesses casos, a influência dos estímulos antecedentes sobre as respostas se estabelece aos poucos pelo fato de que esses estímulos estão sempre presentes quando as respostas efetivamente produzem as consequências. Vamos a um exemplo para descomplicar. Quando vamos ao caixa eletrônico de um banco, as respostas de apertar os botões (corretamente) produzem determinadas consequências (por exemplo, o saque de dinheiro). Quando alguém se aproxima do caixa eletrônico, é muito provável que aperte os botões (porque essa resposta foi reforçada no passado). Entretanto, esse reforçamento só ocorre quando a tela do monitor do caixa está ligada (estímulo antecedente). Todas as vezes que nos aproximamos de um caixa eletrônico com a tela apagada, as respostas de apertar os botões não são reforçadas. Assim, as respostas passam a ser muito mais prováveis quando a tela está ligada e pouco prováveis quando a tela está apagada. Isso ocorre não porque a tela elicie as respostas, mas porque há uma relação clara entre a tela estar ligada (estímulo antecedente) e a efetividade das respostas em produzir as consequências (reforçamento, nesse caso).

Os estímulos que antecedem a ocorrência do reforço ou da punição assumem, portanto, um papel de **"sinalizador"** ou **"dica"** de qual resposta é efetiva para produzir qual consequência. É por isso que os estímulos que fidedignamente antecederam as respostas que foram reforçadas no passado tornam mais alta a probabilidade da resposta ocorrer na sua presença. Por outro lado, aqueles estímulos que antecederam respostas que foram punidas tornam mais baixa a possibilidade da resposta ser emitida diante deles. Vamos a mais um exemplo: imagine um casal que tem um filho

diagnosticado com autismo. A mãe, que aprendeu sobre Análise do Comportamento, está aos poucos encontrando formas de não reforçar comportamentos inadequados da criança (como gritar até conseguir o que quer). O pai, menos paciente, prefere dar logo o que a criança quer quando ela grita. Aos poucos, o pai vai se tornando um estímulo antecedente fidedignamente relacionado ao sucesso da resposta de gritar. Ou seja, na presença do pai, a resposta de gritar é reforçada. Na presença da mãe, não. O pai acaba se tornando um estímulo discriminativo para essas respostas inadequadas. Dito de outra forma, as respostas inadequadas vão se tornando muito mais prováveis na presença do pai do que da mãe.

Nosso ambiente é cercado de "dicas" de como devemos responder. Diante de uma porta por exemplo, podemos emitir as respostas de empurrar para frente, empurrar para o lado, puxar. Para abrir uma torneira podemos emitir as respostas de girar, empurrar, colocar a mão em baixo da torneira, empurrar a torneira para o lado, apertar um botão e até mesmo pisar em um dispositivo no chão. O controle discriminativo permite que você identifique qual a resposta correta a ser utilizada diante daquele estímulo. A resposta que obtiver sucesso tenderá a ocorrer mais vezes no futuro, e a que não tiver sucesso, não.

Observe os dois exemplos a seguir:

Estímulo Discriminativo	Resposta	Consequência	Probabilidade da Resposta no Futuro
Gato Comendo 	Fazer carinho 	Ser arranhado 	
Gato Brincando 	Fazer carinho 	Ser Lambido 	

No primeiro exemplo, a probabilidade da resposta de fazer carinho no gato seria reduzida diante do estímulo discriminativo "gato comendo". Já no segundo exemplo, diante do estímulo discriminativo 'gato brincando', a resposta de 'fazer carinho' é seguida pelo reforçamento positivo 'lambida'. Diante disso, passamos a fazer carinho no gato não a todo e qualquer momento. Fazemos isso apenas diante de estímulo

discriminativo que sinalize que a resposta será reforçada. Podemos dizer que nosso comportamento ficou sob controle do estímulo antecedente.

Quando os estímulos antecedentes passam a controlar a ocorrência de uma resposta são chamados de **Estímulos Discriminativos (SD)**. Os SD's sinalizam a probabilidade de uma resposta ser reforçada caso seja emitida. Quando o estímulo antecedente sinaliza que a resposta não será reforçada chamamos de **Estímulo Delta (SΔ).** Imagine que você quer pedir ao seu chefe um aumento de salário e ao entrar no escritório ele nem olha para você e fala em um tom de voz elevado. Isso provavelmente será um 'sinalizador' de que aquela não é a melhor hora para pedir um aumento. Sendo assim, o estímulo antecedente que o chefe indicou "falta de contato visual, voz elevada" sinalizaram a pouca chance de liberação de reforço 'aumento de salário' – ou seja, um **SΔ.** Já se o chefe estivesse sorrindo e fosse atencioso, isso poderia significar que haveria a possibilidade de emissão do reforço: a resposta de pedir um aumento provavelmente seria reforçada.

"Dizemos que o controle discriminativo de estímulo foi estabelecido quando um determinado comportamento tem alta probabilidade de ocorrer na presença do SD e baixa probabilidade na presença do S**Δ"** (Moreira & Medeiros, 2007, p. 100).

Durante a nossa vida nós passamos por inúmeras situações em que nossas respostas são reforçadas, em outras em que nossas respostas são punidas. Com isso, aprendemos a discriminar quando devemos ou não responder, a ter noção de quando o reforço está próximo ou quando devemos agir de forma a evitar consequências aversivas. A essas diversas situações com diferentes consequências a que somos submetidos no nosso cotidiano chamamos de **"Reforçamento Diferencial"**, que nos permite aprender qual resposta será mais bem sucedida ou qual resposta será punida. É muito comum que possamos nos comportar de determinadas formas na frente de algumas pessoas, mas não da mesma forma na frente de outras, por exemplo. A forma como você se comporta no trabalho provavelmente é bem diferente da forma como se comporta na frente dos amigos.

Os estímulos antecedentes são essenciais para essa aprendizagem, pois são eles que sinalizam o tipo de consequência que está por vir. A esse treino ao longo da nossa vida chamamos de **"Treino Discriminativo"**, que é nada mais nada a menos do que

passarmos pelo processo de reforçamento diferencial. Pare agora e reflita um pouco sobre situações as quais você responde de maneira diferencial, devido a uma história de treino discriminativo. Voltemos ao exemplo daquela criança cuja resposta de gritar foi reforçada pelo pai. Talvez fosse importante esse pai buscar formar de gradualmente ir reforçando diferencialmente respostas mais adequadas para solicitar as coisas. Reforçar diferencialmente significa reforçar somente um tipo de respostas e não reforçar outros.

Generalização

Vimos até aqui que o controle discriminativo nos permite agir de modo diferenciado de acordo com cada situação diferente. Porém, por vezes agimos da mesma maneira diante de situações semelhantes sem que necessariamente tenhamos entrado em contato com ambas as situações. Isso se chama **generalização**. Imagine o quão difícil seria se tivéssemos de passar por um treino discriminativo em toda e qualquer situação. Teríamos, por exemplo, de ser ensinados a dizer 'bom dia' para a mãe, o pai, avós, tios, vizinhos, colegas da escola, professores, o rapaz que vende bombom, etc. Ao invés disso, aprendemos a dizer bom dia para os pais, por exemplo, e essa resposta é generalizada para a **classe de estímulos** 'pessoas', de modo que dizemos 'bom dia' diante de uma pessoa no elevador que nunca vimos antes.

Sendo assim, a generalização ocorre quando diante de estímulos discriminativos diferentes, mas com propriedades físicas semelhantes, apresentamos a mesma resposta. Esses dois estímulos discriminativos passam a ser considerados da mesma classe de estímulos. Observe, por exemplo, que a resposta de dizer 'boneca' acontece tanto diante de uma "Barbie", quanto de uma "Meu Bebê". Sendo assim a "Barbie" e o "Meu Bebê" fazem parte da mesma classe de estímulos e a resposta de dizer 'boneca' ocorre por generalização. Essa classe poderia ainda ser generalizada para diferentes tipos de bonecas, como boneca sereia, borboleta, fada, etc.



Outro exemplo de generalização pode ser observado em uma criança que faz birra para conseguir o que quer na frente de um tio e é reforçada positivamente pelos

pais que atendem o seu pedido para cessar a birra. A criança pode então generalizar que fazer birra na frente dos tios, amigos dos pais e estranhos pode ter a mesma probabilidade de consequência. Você certamente apresenta o comportamento de generalização em dadas situações: procure pensar em um exemplo antes de continuar a leitura.

A generalização é um processo extremamente importante em crianças com autismo por permitir que uma determinada aprendizagem seja aplicada em diferentes contextos. Contudo, crianças com autismo, em geral, apresentam dificuldades para realizar esse processo, sendo necessário que ela seja estimulada. Uma forma de fazer isso consiste em expor a criança a estímulos gradualmente diferentes. Por exemplo, a criança poderia ser ensinada a nomear 'sapato' tanto para tênis, quanto para sapatilhas, sandálias, botas, etc.

Temos assim que no controle discriminativo a pessoa apresenta respostas diferentes ao distinguir diferentes situações. Já na generalização ela apresenta a mesma resposta ao distinguir propriedades semelhantes entre estímulos diferentes, sendo que quanto mais semelhante forem os estímulos maior será a generalização.

Recapitulando:

1. Qual a diferença entre comportamento respondente e operante?
2. Formule um exemplo de comportamento respondente (eliciado).
3. Formule um exemplo de controle discriminativo de uma resposta operante.
4. Formule um exemplo de generalização.

Referências

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.* (4ed). *Porto Alegre: Artes Médicas.*

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

CAPÍTULO 6 - COMPORTAMENTO VERBAL

OBJETIVO: *Ao final deste capítulo, você deverá ser capaz de conceituar e exemplificar comportamento verbal, bem como deverá conhecer conceitos como comunidade verbal e tipos de operantes verbais como mando, tato, ecoico e intraverbal.*

Como vimos no nosso primeiro encontro, a dificuldade para aprender comportamento verbal (ou, em outras palavras, a dificuldade de comunicação) pode ser um dos maiores desafios para crianças diagnosticadas com autismo. Uma boa aprendizagem de comportamento verbal até os sete anos de idade pode indicar um bom prognóstico para a vida adulta. Neste encontro, entenderemos mais sobre o que é comportamento verbal.

Em nossos encontros anteriores, nós aprendemos que muitas das nossas respostas são mantidas (ou seja, são reforçadas) pelas alterações que elas produzem no ambiente. Considere, por exemplo, que nós estejamos lendo esse texto numa sala fechada e muito abafada (antecedente). Depois de algum tempo nesse desconforto, você vai até a janela e a abre (resposta). Como consequência disso, o ambiente fica mais arejado e agradável. A resposta de abrir a janela foi muito provavelmente reforçada, certo? Observe que essa resposta produziu diretamente a consequência que a reforçou. A resposta de abrir a janela permitiu a entrada de ar fresco e o ambiente ficou mais agradável.

Nem sempre, contudo, as *alterações físicas* que nossas respostas produzem no ambiente são diretamente responsáveis pelas *alterações que reforçam nossos comportamentos*. Voltemos à mesma situação do exemplo anterior: suponha que nós estejamos lendo esse texto numa sala fechada e muito abafada. Você então diz o seguinte: "Por favor, Marilu, você poderia abrir a janela um pouco?". Imediatamente, Marilu vai até a janela e a abre. Como consequência disso, o ambiente fica mais arejado. Nesse caso, a resposta de **pedir** para abrir a janela também pode ter sido reforçada. Perceba que a *alteração que a resposta produziu no ambiente físico* não foi diretamente responsável pela *alteração no ambiente que reforçou a resposta*. Vamos explicar melhor. A resposta de **pedir** para abrir a janela produz fisicamente apenas o som das palavras no ambiente. Não foi esse som que abriu a janela. Quem fisicamente abriu a janela foi

o comportamento de Marilu. A resposta que você emitiu não produziu diretamente a mudança relevante no ambiente, mas ela afetou o comportamento da Marilu que, por sua vez, produziu a mudança no ambiente que reforçou sua resposta de pedir.

A resposta de *pedir para abrir a janela* é um exemplo de comportamento verbal. **As respostas verbais são respostas operantes que alteram o ambiente através das outras pessoas**. As respostas verbais têm efeito sobre o comportamento das outras pessoas que, por sua vez, foram ensinadas pela comunidade verbal a se comportar de forma a prover certas consequências para essas respostas. É assim que uma pessoa ajuda a reforçar o comportamento verbal da outra e vice-versa.

Infelizmente muitas crianças diagnosticadas com autismo não interagem muito com as outras pessoas se não forem cuidadosamente estimuladas. Por isso, elas preferem muitas vezes tentar produzir diretamente as alterações no ambiente que lhes são reforçadoras. Elas preferem escalar o armário da cozinha para alcançar um biscoito do que tentar obter o biscoito através de um adulto que o alcance. Muitas vezes, elas podem até usar um adulto nessa busca pelo biscoito, mas, em muitos casos, o adulto é usado como um mero instrumento (e não como um membro de uma comunidade verbal): ele é literalmente puxado pelo braço até o armário. As dificuldades de interação social podem produzir déficits de comportamento verbal que, por sua vez, podem aprofundar as dificuldades de interação social. É muito importante interromper esse ciclo o mais cedo possível.

O comportamento verbal envolve diferentes formas de comunicação entre as pessoas, numa determinada comunidade. Ele é aprendido por uma criança através da interação com as outras pessoas. Ele se torna tão sofisticado com o tempo, que boa parte do nosso comportamento verbal não precisa ser mantido por mudanças meramente físicas no ambiente (como uma janela ou porta que se abre ou um biscoito que chega até minhas mãos). O comportamento verbal passa a ser mantido pelo próprio comportamento verbal das outras pessoas, pela atenção que elas nos dão quando falamos com elas, por elogios etc. Pare e pense um pouco sobre quantas vezes ao dia você se comporta verbalmente: do bom dia dito pela manhã, o telefonema que recebeu, a conversa que teve com um colega ao chegar para esta reunião, a própria reunião que estamos tendo.

O comportamento verbal não é apenas a fala (comportamento vocal). Ele envolve diferentes formas de alterar o comportamento dos outros, como gestos, olhares, palavras escritas etc. Uma pessoa que, por alguma razão perdeu a fala, e que aprendeu a modificar o comportamento dos outros por sinais está se comportando verbalmente.

Imagine agora que você está em um país estranho cujo idioma lhe é incompreensível. De que modo você pediria para um taxista lhe levar a um ponto turístico? Como você diria ao garçom o que pretende comer? De que forma pediria a alguém para tirar uma foto sua? Se você pensou em alternativas como entregar o endereço por escrito, apontar para o nome do prato desejado ou usar gestos, você pensou em comportamento verbal. Mas como aprendemos um repertório tão complexo? E porque algumas pessoas possuem uma lacuna neste tipo de comportamento?

Como se trata de um comportamento operante, o comportamento verbal pode ser compreendido da mesma forma que os demais comportamentos operantes: através da análise funcional. Assim, podemos dizer que o comportamento verbal pode ser enfraquecido e fortalecido pelas suas consequências (em caso de dúvidas sobre o fortalecimento e enfraquecimento do comportamento, por favor, reveja os textos dos Encontros 2, 3 e 4).

Ao vir ao mundo, a criança é inserida em um ambiente repleto de pessoas que mantêm entre si interações verbais (a comunidade verbal). É esta comunidade verbal (formada por todas as outras pessoas que se comportam verbalmente) que provê consequências para o comportamento verbal da criança que começa a se inserir nessa comunidade. Os membros da comunidade verbal ora são falantes (ou seja, emitem comportamentos verbais), ora são ouvintes (ou seja, produzem as alterações que reforçam o comportamento verbal dos outros). A palavra "ouvinte" aqui, assim como a palavra "falante", não deve ser levada ao pé da letra. Por exemplo, se o falante usa linguagem de sinais, o ouvinte na verdade vê o comportamento verbal do falante e se comporta de forma a reforçá-lo. Mesmo assim, usando os termos "ouvinte" e "falante".

A atenção, o afago, o carinho do pai e da mãe são reforçadores poderosos para um bebê que se desenvolve normalmente. A atenção e o sorriso do filho são

reforçadores poderosos para os pais. Aos poucos, pais e filhos vão aprendendo, através do comportamento verbal, formas de obter esses reforçadores. Eles vão alternando papéis entre ouvintes e falantes e vão começando uma pequena comunidade verbal que vai se ampliando na medida em que vai se sofisticando. Logo, outras pessoas passam a "entender" o comportamento verbal da criança, porque os pais lhe ensinaram as mesmas respostas verbais (falar palavras) que a comunidade verbal em geral usa.

Tudo isso pode ser mais difícil de acontecer com naturalidade se o bebê está tendo seu desenvolvimento afetado pelo autismo. A atenção, o afago, o carinho dos pais pode não ser, em muitos momentos, um reforçador para o bebê. Talvez por isso, a fala dos pais não seja assim um evento no ambiente tão relevante para ele. A interação da criança com a comunidade verbal pode ser menos rica e isso vai fazendo com que muitas oportunidades de aprendizagem verbal se percam.

O comportamento verbal tem a importante função de colocar falante e ouvinte sob controle dos mesmos eventos no ambiente, quando a atenção do ouvinte é reforçadora para o falante. Vejamos alguns exemplos disso. Muitas crianças com desenvolvimento típico preferem brincar com um brinquedo junto com seu pai ou sua mãe do que brincar sozinhos com o mesmo brinquedo. Eles preferem fazer piruetas ou dar cambalhotas quando algum adulto querido está assistindo esse espetáculo. Quando eles veem um animal diferente, eles tentam imediatamente (e as vezes desesperadamente) chamar a atenção do adulto para esse evento. No início, quando ainda são muito pequenos, eles podem até tentar fazer isso puxando o adulto pelo braço ou movendo o rosto do adulto na direção do evento novo. Em geral, nesses momentos, os adultos dizem o nome das coisas ou dos eventos que estão interessando a criança.

Imagine uma criança vendo um macaco numa árvore da praça da cidade antes mesmo que sua mãe tenha visto o macaco. A criança vai muito provavelmente tentar chamar a atenção da mãe para o macaco. Quando ela conseguir isso, muito provavelmente a mãe vai dizer "olha, é um macaco" e vai repetir isso muitas vezes. Com a repetição desses episódios, a criança vai aprendendo a dizer "macaco" quando vê um macaco e isso muda seu ambiente porque a mãe agora lhe dá atenção e passa a observar o macaco junto com ela. Ela também aprende a olhar para o macaco quando

a mãe lhe diz "olha o macaco ali!". Essa resposta de olhar é consequenciada com frases como "isso", "muito bem, é o macaco", que aumentam a probabilidade de a criança estar atenta ao comportamento verbal de seus cuidadores. Assim, a criança aprender a se comportar como falante e como ouvinte neste mundo verbal.

Além disso, a criança é estimulada pelos seus cuidadores a emitir respostas verbais, por exemplo, ao pedir que a criança repita a palavra "mamãe". Aos poucos, os sons e balbucios produzidos pela criança passam a reproduzir parte do que os cuidadores falam, como em tentativas de dizer "mã", diante da mamãe, ou de repetir 'mã' quando ouve a mãe pedindo "filho, diz ma-mãe", ou quando perguntam "quem é a mamãe?" e a criança aponta para a mãe. Cada vez que a criança emite uma resposta como essas, essa resposta é consequenciada com elogios, atenção, carinho e frases como "Isso, eu sou a mamãe! Muito bem". Essas interações reforçam o comportamento verbal da criança.

Uma criança diagnosticada com autismo (e com comprometimento da aquisição de linguagem) pode precisar que essas oportunidades de aprendizagem sejam mais organizadas e que se repitam mais vezes. Ela nem sempre vai se interessar pelo que chama a atenção dos adultos. Poderá não olhar para o pai ou a mãe quando chamada pelo nome; ou não olhará para onde o adulto está apontando quando disser o nome de alguma coisa e apontá-la. Isso tornará necessário planejar melhor a aprendizagem de comportamento verbal, como veremos mais a diante em nossos encontros. Desde já, fica claro que, para isso, será necessário descobrir reforçadores importantes para a criança; relacionar esses reforçadores com a atenção dos adultos de forma que a atenção dos adultos também se torne reforçadora; atentar para o comportamento verbal dos adultos e das outras crianças.

Como vimos, a aprendizagem verbal em uma criança com desenvolvimento típico começa a ocorrer desde os primeiros meses de vida e é um processo lento e gradual que requer muitas repetições de episódios de aprendizagem. A aprendizagem verbal de uma criança com comprometimento verbal tende a ser ainda mais gradual.

Antes de encerrarmos, vamos aprender um pouco mais sobre alguns tipos de comportamento verbal que serão importantes para os nossos encontros futuros: o ecoico, o tato, o mando e o intraverbal.

O comportamento **ecoico** é uma imitação verbal. Dizemos que o comportamento é ecoico quando a criança repete um estímulo verbal produzido por outra pessoa da mesma forma que escutou. Por exemplo, a mãe diz "água" e a criança repete "água". O estímulo antecedente para a resposta ecoica da criança é, portanto, a palavra falada pela mãe "água". A resposta é a criança dizer "água". Essa resposta é reforçada tanto pelo outro (no exemplo, a mãe), quanto pela própria emissão da resposta pela criança. Nesse caso, a própria criança pode perceber que está repetindo muito bem o que a mãe disse e isso por si só já pode ser reforçador. Esse tipo de reforçamento intrínseco à própria resposta é muito comum em outros casos no nosso cotidiano. Quando estamos aprendendo um segundo idioma, as vezes temos que tentar imitar a forma como uma pessoa (o professor, por exemplo) fala uma palavra. Quanto mais parecido com a pronúncia do professor repetimos a palavra, mais nos sentimos estimulados a continuar. O mesmo ocorre, as vezes, quando estamos aprendendo a cantar uma música da qual gostamos muito. Quando mais parecido com o cantor original nós cantamos, mais nos sentimos estimulados a cantar.

O comportamento ecoico é importante para aumentar o vocabulário das crianças. Contudo, muitas vezes ele é emitido de modo não funcional, através da ecolalia. A ecolalia, que às vezes ocorre em crianças com autismo, é a repetição de sons e palavras de maneira estereotipada, repetitiva e fora de contexto. Por exemplo, dizer "água" sem parar, ou em contextos onde aparentemente não faz sentido dizer água.

O **tato** é o comportamento de nomear coisas, pessoas, objetos, ou suas características. É a descrição do ambiente. Ao ver o carro do pai, a criança pode dizer a palavra "carro", e ter como consequência a isso a aprovação do ouvinte, dizendo por exemplo "sim, é o carro do papai". Uma forma comum de aprender tato é através da interação com o cuidador, que vai nomeando para criança o mundo que a cerca: os cuidadores dizem "essa é a vovó", "isso é uma bola", "essa é uma mesa", "aqui está sua comidinha", "essa é a fralda". Após muitas e muitas repetições disso, a criança começa a emitir tatos (ou seja, dizer no nome das coisas ou pessoas na presença delas) de forma mais espontânea. Por exemplo, toda vez que vê a avó ou alguém parecido com a avó, acriança pode apontar e dizer "vovó"). O mesmo é feito com sentimentos e emoções. Isso mesmo: a comunidade verbal nos ensina a nomear nossos sentimentos e emoções.

Quando o cuidador, ao ver a criança rindo, diz "Amanda está feliz" ele ensina para criança que o nome do sentimento relacionado com sorrir é felicidade. Uma criança que chora após alguns dias na ausência dos pais, pode ser ensinada que o que ela está sentindo é saudade.

O comportamento de **mando** é o operante verbal que funciona como um pedido, uma ordem ou uma pergunta (que é, na verdade, um pedido de informação). O mando é, portanto, motivado por uma necessidade ou um desejo, algo que o indivíduo quer. Por exemplo, a criança quer o livro novo que ganhou do tio e pode pedir falando "Cadê o livro?", "me dá o livro", "livro", ou até mesmo apontando para onde está o livro. Todas essas são formas de expressar o que ela quer. Se alguma dessas respostas acabar fazendo com que alguém lhe entregue o livro, dizemos que o mando foi reforçado.

Dependendo do contexto, uma mesma fala que descrevemos anteriormente como tato pode ser um mando. Por exemplo, a criança pode dizer "água" quando está com sede, ou ainda "carro" quando quer ver ou andar no carro do pai. O que caracteriza nesse caso o tato ou o mando não é somente o que a criança fala, mas a função do que ela fala (ou seja, qual alteração do ambiente reforça essa fala). Se a criança que está com sede diz "água" e a mãe entende essa resposta como um tato, ela vai dizer "muito bem, filha, essa é a água". Isso não vai reforçar o comportamento da criança que poderá até repetir o mando de forma mais enfática e até chorar até que alguma forma de mando faça alguém lhe trazer água. É assim então que percebemos que aquela resposta de dizer "água" era um mando e não um tato.

Chame um dos monitores, neste momento, e tente junto com ele formular exemplos de comportamentos ecoicos, tatos e mandos.

Por fim, o comportamento **intraverbal** é o comportamento verbal sob controle de outro comportamento verbal do próprio falante ou de outra pessoa. Em geral, o estímulo antecedente do comportamento intraverbal são sequências de palavras que frequentemente são faladas nesta ordem ou que descrevem coisas que estão sempre juntas. Isso acaba por ocasionar que a pessoa responda a esse estímulo, completando a sequência. Por exemplo, se alguém disser pra você "um, dois e...", pode ser que você diga "três". A resposta de dizer três é intraverbal. Se alguém disser "xícara" e outra pessoa disser "pires", a segunda resposta é intraverbal. Certos intraverbais são tão bem

estabelecidos no nosso repertório que uma vez um apresentador de TV famoso foi chamar ao palco a esposa de um artista e disse: "Vamos receber agora a querida esposa de Chitãozinho e Xororó". É claro que "Xororó" foi incluído aí apelas por controle intraverbal.

Quando dialogamos, pelo menos parte do controle das nossas respostas é intraverbal. Por exemplo, quando o cuidador pergunta para criança o que ela quer comer e ela responde "biscoito", ela está se comportando de modo intraverbal. Da mesma forma, quando você completa o provérbio "água mole em pedra dura...", você está emitindo um comportamento intraverbal. Exatamente por ser tão complexo, este é um dos repertórios mais difíceis de ser ensinado a crianças com autismo, pois depende de um grande número de outros comportamentos que devem ser aprendidos antes do comportamento verbal, que podem ser chamados de pré-requisitos.

É importante observar que muitas vezes a criança diagnosticada com autismo não consegue se expressar verbalmente por não ter aprendido esses comportamentos pré-requisito para emissão verbal. Pense no exemplo da criança que quando a mãe diz "olha o au-au" a criança olha para o cachorro. Se essa habilidade de olhar para algo que o adulto aponta (chamada de atenção compartilhada) não está presente, a aprendizagem do comportamento verbal ficará prejudicada. A mãe poderá apontar diversas vezes para o cachorro e a criança não olhará para o mesmo estímulo que ela, muitas vezes nem olhando para a própria mãe. Por essa razão, antes de ensinarmos os comportamentos verbais, precisamos ensinar vários comportamentos considerados pré-requisitos para a aprendizagem destes.

Uma das questões mais importantes a serem tratadas quando lidamos com crianças com autismo é justamente o ensino do comportamento verbal. A proposta da terapia ABA é o ensino tanto dos pré-requisitos necessários ao seu desenvolvimento quando dos próprios comportamentos verbais. Ao desenvolver essas habilidades, a criança acaba conseguindo uma melhora importante de sua qualidade de vida, permitindo um maior desenvolvimento e um melhor funcionamento dentro de sua comunidade.

Como dissemos anteriormente, comportamento verbal não quer dizer necessariamente "falar" (ou seja, comportamento vocal). Algumas crianças

diagnosticadas com autismo têm dificuldades e aprender comportamento verbal e também dificuldades de falar (ou seja, de pronunciar certos fonemas). Nesses casos, é muito importante consultar um(a) fonoaudiólogo(a). Ele(a) saberá quais os exercícios que a criança tem que fazer para conseguir melhorar a sua fala. Em alguns casos, apesar dos esforços, a criança pode continuar tendo muita dificuldade para falar. Para esses casos, existem outras forma de comportamento verbal que podem ser ensinadas, além da fala. A linguagem de sinais é uma delas. Existe também a possibilidade de se ensinar a criança a se comunicar através de figuras. A criança pode emitir um mando (por exemplo, "quero ir ao banheiro") apresentando ao ouvinte uma figura (nesse caso uma foto do banheiro, por exemplo). A comunicação por troca de figuras é conhecida como PECS (do inglês Picture Exchange Communication System – que significa Sistema de Comunicação por Troca de Figuras). Nos casos em que se precisa recorrer ao PECS, a comunidade verbal da criança (o conjunto de pessoas que interagem verbalmente com ela) será um pouco mais restrita, ou seja, ela só conseguirá se comunicar bem com aqueles que aprenderam minimamente a lidar essas figuras como formas de comportamento verbal. Por isso é muito importante priorizar a comunicação verbal pela fala, antes de se tentar formas alternativas de comunicação.

Recapitulando:

1. O que é Comportamento Verbal?
2. Qual a diferença entre Comportamento Verbal e outros operantes?
3. O que é a comunidade verbal? O que é um ouvinte? O que é um falante?
4. Formule exemplos de tato, mando, ecoico, intraverbal.

Referências

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.* (4ed). *Porto Alegre: Artes Médicas.*

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Barros, R. S. (2003). Uma Introdução ao Comportamento Verbal. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 1, 73-82.

CAPÍTULO 7 - FUNDAMENTOS PARA APLICAÇÃO DA INTERVENÇÃO

OBJETIVO: *Ao final deste capítulo, esperamos que você seja capaz de identificar os elementos fundamentais de uma intervenção comportamental eficaz ao autismo.*

Como vimos anteriormente, cada criança com autismo é única e apresentará determinadas necessidades e características. Deste modo, o ensino da criança com autismo é **individualizado.** Apresentaremos aqui um modelo padrão de ensino e realizaremos as mudanças necessárias de acordo com o desempenho de cada criança. Uma avaliação inicial do comportamento da criança vai nos permitir identificar quais habilidades já estão bem desenvolvidas, quais habilidades precisam ser aperfeiçoadas e até mesmo quais ainda precisam ser ensinadas desde o princípio.

Cada habilidade que pretendermos ensinar à criança irá compor um **programa.** Estes programas juntos formarão o **currículo de ensino**. Lembra do tempo de escola? Lá as matérias ensinadas (programas) pelos professores faziam parte de um currículo que eles deveriam cumprir durante o ano. A ideia é a mesma. Alguns programas estão voltados para ensinar habilidades muito básicas que chamamos de **pré-requisitos**. Eles são considerados básicos porque não há necessidade de habilidades anteriores para sua aplicação e porque eles servem de base para aprendizagem de outras coisas. Na escola, por exemplo, aprender os números é um pré-requisito que possibilita a aprendizagem de programas mais complexos, como somar.

Os programas pré-requisitos que usaremos neste momento envolvem as habilidades de sentar, esperar, atender ao nome, estabelecer contato visual, tocar na mão de outra pessoa (toque aqui), realizar rastreamento visual, ter atenção a estímulos, realizar imitação com e sem objetos.

Porém, esse ensino é gradual e realizado em pequenas etapas. Chamamos de **passos** essas etapas do ensino que são necessárias para que uma habilidade seja aprendida. Muitas vezes, ao realizar o ensino, precisaremos fornecer algumas dicas para criança do que queremos que ela faça antes que suas respostas se tornem

independentes (sem ajuda). Imagine, por exemplo, que você queira ensinar a criança a sentar. Nas primeiras tentativas, pode ser necessário não apenas dizer à criança o que ela precisa fazer ("senta"), mas também fornecer uma **ajuda física**, por exemplo, pegando a criança pela mão levando até a cadeira e auxiliando-a a sentar-se. Quando a criança começar a demonstrar mais independência na tarefa essa ajuda será, vamos dizer, uma **ajuda leve**. Neste caso, você deve fornecer a instrução "senta" e apenas indicar, com um toque, por exemplo, o que ela deve fazer. Esse processo de vai sendo continuado até que a criança emita **respostas independentes**, ou seja, nesse caso a crianças sentaria na cadeira, sem ajuda, quando ouvisse a instrução "senta".

O procedimento de ensino, ou seja, a forma como vamos ensinar, pode ser através de **Tentativa Discreta** ou **Ensino Incidental.** No procedimento de ensino por tentativa discreta, o ambiente de aplicação do programa é controlado e estruturado. O que isso quer dizer? Isso significa que nós, que estamos aplicando o procedimento, pensamos e planejamos situações para aplicação, escolhemos os possíveis reforçadores (tudo aquilo que pode servir para fortalecer o comportamento da criança e fazer com que a resposta que desejamos seja emitida novamente, como alimentos, brinquedos e elogios). Além disso, estabelecemos quantas **tentativas** vamos realizar, ou seja, quantas vezes vamos pedir para criança emitir uma determinada resposta, como sentar. Podemos agrupar essas tentativas em **blocos** de tentativas. Por exemplo, a cada doze tentativas consideraremos que concluímos um **bloco.** Os acertos e erros da criança em cada tentativa são anotadas na **folha de registro**, de maneira que, ao final de cada bloco, podemos calcular a percentagem de acertos e avaliar dessa forma o desempenho da criança. Veja a seguir o modelo de uma folha de registro, o número de tentativas e a estrutura da folha de registro vão variar de acordo com o programa e necessidade da criança:

Data:								Passo:						
Estímulos Utilizados (os reforçadores):														
Resposta													RT	RI

Figura 1: Modelo de folha de registro para 12 tentativas.RT: Total de Respostas Corretas (com ajuda e independentes); RI: Total de Respostas Independentes.

O ensino incidental é diferente. Nesse caso, aproveitamos oportunidades do dia-a-dia para ensinar o programa para a criança. Também podemos criar condições para que uma atividade não tão corriqueira aconteça, como uma brincadeira ou uma tarefa doméstica, para aproveitá-la como oportunidade para ensino incidental. Por exemplo, podemos aproveitar que a criança vai fazer um lanche ou almoçar para fazer ensino incidental da resposta de sentar. Estabelecemos que a criança deve sentar antes de comer. Apresentamos a instrução "senta" indicamos que a criança deve sentar através de ajuda física e leve, se necessário, até que a criança realize a atividade de modo independente. Perceba que nesse caso, não há um número determinado de tentativas ou blocos de tentativas. Muitas vezes é a criança que começa uma atividade que pode ser considerada uma tentativa e então aproveitamos aquela oportunidade para aplicar o procedimento de treino.

É muito importante reforçar as respostas corretas, tanto quando no treino por tentativas discretas. A resposta correta, no nosso exemplo aqui, é sentar quando for apresentada a instrução. O mesmo tipo de treino incidental pode ser feito para sentar no carro, no sofá, sentar para brincar, sentar para ver televisão, etc. Deste modo, você deverá usar as oportunidades diárias, em que a criança deve sentar para ensinar este repertório para ela.

Agora vamos ler um programa de ensino?

Referências

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.* (4ed). *Porto Alegre: Artes Médicas.*

Lear, K. (2004). *Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA*. (2ed). Toronto. Retirado de: http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

CAPÍTULO 8 – MANEJO DE COMPORTAMENTOS-PROBLEMA

***OBJETIVO**: A final deste capítulo, você deverá ser capaz de definir comportamento-problema (como birra, auto lesivo, heterolesivo e estereotipias), bem como identificar situações nas quais ocorrem e como proceder em relação a eles.*

Uma das grandes dificuldades encontradas na educação e aplicação de programas de intervenção comportamental a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autista – TEA – é no manejo dos Problemas Comportamentais Graves (*Severe Behavior Problem SBP)* tais como comportamentos auto lesivos, heterolesivos, birra, estereotipia motora e vocal. Há algumas propostas de intervenção analítico-comportamentais para a diminuição da emissão desses comportamentos e o aumento de comportamentos adequados. Nosso objetivo não será abordar todas as formas de intervenções, suas vantagens e desvantagens, mas sim, exemplificar alguns desses comportamentos problemas, onde e quando ocorrem com mais frequência, o que pode estar mantendo sua ocorrência e algumas possibilidades de intervenção. Estas intervenções foram selecionadas por apresentarem resultados positivos em diversas pesquisas.

Análise Funcional

Você já deve ter passado por isso: aquele momento no supermercado em que você passa diante das prateleiras de bombons e olha apreensivo para seu filho, na certeza de que a birra vai começar. Muitas vezes você até tentou um acordo antes de sair de casa, dizendo que não iria comprar bombom, mas ali, naquela situação (diante de diversos estranhos que param para olhar a cena, com olhar reprovador) as chances de você manter a sua palavra ficam cada vez menores e a criança cada vez mais próxima de conseguir o que deseja através da emissão de um comportamento problema. O que fazer nessa situação?

O primeiro passo para intervirmos em qualquer situação é entendê-la. Sendo assim, é essencial realizar uma análise funcional[2] (ver Cartilha 2) da situação. Cada

[2] Para fins didáticos não será feita distinção entre análise funcional e avaliação descritiva.

criança é única: algumas crianças podem fazer birra para sair do shopping devido ao excesso de estímulos visuais, com tantas lojas, itens e pessoas; outras podem fazer a birra em função dos estímulos auditivos como barulho e música de fundo. Umas podem chorar diante de uma caixa de bombom porque querem o bombom, mas outras podem chorar diante da mesma caixa porque querem atenção. Sendo assim, tanto o que desencadeia a situação problema quanto o que a mantém pode ser diferente em cada caso. Você precisará identificar, através da observação e manipulação de elementos presentes na situação, qual ou quais são os elementos mais importantes para a ocorrência do comportamento-problema, para só então descobrir a melhor solução.

Para realizar a análise funcional, você deve observar três elementos: o que aconteceu antes do comportamento da criança (estímulo discriminativo), o que a criança fez (resposta), o que aconteceu depois (consequência). O que acontece antes tem efeito sobre a probabilidade de diferentes respostas acontecerem. Imagine, por exemplo, que você esteja chegando ao trabalho. Sua postura não muda neste ambiente? Isso acontece porque seu ambiente de trabalho é um estímulo discriminativo que lhe indica como você deve se comportar. O ambiente de trabalho pode determinar que você se comporte de maneira a manter uma postura corporal e de fala mais formal. A consequência dessas respostas, por exemplo, pode ser o elogio do seu chefe pela sua postura profissional ou o afastamento de possíveis críticas em relação a sua postura no trabalho, ou mesmo uma demissão.

Estímulo Discriminativo

O estímulo discriminativo precede a ação da criança e é importante de ser identificado, pois ele estabelece a ocasião para a ocorrência do comportamento problema da criança. Suponhamos que Helena seja uma criança que mostra muita estereotipia vocal quando assiste televisão. Observando um pouco mais, percebe-se que esse comportamento é muito mais frequente quando começa o programa do Chaves (estímulo discriminativo). Essa constatação permite a você prever a ocorrência desse comportamento e se antecipar a ele, chamando Helena para realizar outra atividade prazerosa e adequada no mesmo horário e desligando a televisão antes de Chaves começar.

Reforçamento Positivo e Negativo

Há certas consequências dos nossos comportamentos que tornam mais provável que nos comportemos da mesma forma. Em muitos casos (mas nem sempre), podemos ver que essas consequências são agradáveis. Se, ao emitir uma resposta, a consequência é a ocorrência de algo agradável, podemos supor que essa resposta pode ter sido reforçada por aquela consequência. É importante sempre lembrar que o que é reforçador para uma pessoa pode não ser para outra. Por definição só é considerado reforçador aquela consequência que efetivamente aumenta a probabilidade da resposta acontecer novamente. Há outras situações em que nosso comportamento é reforçado (ou seja, se torna cada vez mais provável) porque ele evita ou afasta a ocorrência de algo desagradável ou aversivo (tecnicamente denominado de estímulo aversivo). Esses dois tipos de situações definem dois tipos diferentes de reforçamento.

O reforçamento pode ser **positivo**, quando a resposta em questão ocasiona o acréscimo no ambiente de um estímulo reforçador (algo que a pessoa considera agradável). O reforçamento pode ser **negativo**, quando a resposta em questão ocasiona a remoção de algo que a pessoa considera aversivo. Quando João faz birra no meio da rua (resposta), seu pai compra um bombom para ele (consequência agradável). Assim, a probabilidade de ele gritar quando quiser um bombom no futuro será maior. Esse é um exemplo de reforçamento positivo. Note que essa passa a ser uma forma de comunicação: João não diferencia se é uma forma adequada ou não. Nós é que precisamos ensinar isso para ele. Da mesma forma, imagine que Pedro estude em um colégio que vai fazer uma homenagem aos pais com um coral. Pedro é levado para o ensaio conjunto no auditório, um ambiente com muitas crianças e barulho, o que é aversivo para ele. Neste contexto, Pedro começa a apresentar comportamento estereotipado de sacudir os braços e as mãos. Esse comportamento pode ser reforçado negativamente em Pedro se, ao emiti-lo, Pedro ficar cada vez menos afetado pela estimulação aversiva do auditório lotado de crianças e com barulho. Esse comportamento poderia funcionar como uma forma de fugir da estimulação aversiva, sendo portanto negativamente reforçado (ver Cartilha 3).

Devemos ressaltar que nem todo comportamento é reforçado socialmente ou através do ganho material. Algumas ações produzem naturalmente (ou intrinsecamente) as consequências reforçadoras que as mantêm. São exemplos disso

comer, dançar, cantar, tomar banho etc. No caso do autismo, as estereotipias motoras e vocais também podem ter essa característica: de serem reforçadas intrinsecamente pela própria autoestimulação que provocam. Uma criança pode gostar, por exemplo, de olhar os dedos balançando em frente as mãos, ou ouvir o som da própria voz, não emitindo esses comportamentos para ganhar atenção ou fugir de uma situação aversiva. O mesmo pode ocorrer diante de comportamentos autolesivos, onde a autoestimulação de bater o braço na parede pode ser prazerosa para criança. Uma dica importante para identificação se esse comportamento é automático (ou seja, intrinsecamente reforçado) é observar se ele ocorre quando a criança está sozinha. Como assim? Veja, se o comportamento ocorre porque está sendo mantido por atenção dos outros, ou porque as pessoas reagem a ele providenciando coisas agradáveis, a ausência total de pessoas junto com a criança corresponderia a remover o estímulo discriminativo que ocasionaria essas respostas. Mas, se o comportamento acontece na ausência total de pessoas, muito possivelmente não está sendo mantido pela atenção das pessoas mas por autoestimulação. Diferenciar qual o tipo de reforçamento mantém o comportamento é essencial para a escolha da intervenção, como veremos detalhadamente. Colocar em extinção, por exemplo, respostas que são mantidas por um reforçador automático (naturalmente intrínseco) é muito difícil de fazer na prática exatamente porque as consequências são inseparáveis da própria resposta.

Punição Positiva e Negativa

Há muitas outras situações nas quais as consequências do que fazemos tornam menos provável que voltemos a fazer isso. Nesses casos, podemos dizer que as respostas estão sendo punidas. Por definição, a probabilidade de uma resposta diminui quando ela é **punida**, ou seja, quando suas consequências são desagradáveis **(punição positiva)** ou quando a consequência é a retirada de algo que é agradável **(punição negativa).** Imagine que Luna esteja apresentando comportamentos de estereotipia motora, como pular e balançar os braços, sempre que está assistindo televisão. Seus pais resolvem tentar diminuir o comportamento de Luna, retirando algo agradável. Dessa forma, toda vez que Luna começa a estereotipia eles desligam a televisão (punição negativa) e só ligam quando ela para com este comportamento e se senta no

sofá (reforçamento positivo do comportamento adequado). Fazendo isso diversas vezes, Luna pode começou a entender que para assistir a televisão, que é algo agradável para ela, não pode emitir comportamentos de estereotipia e deve ficar sentada no sofá.

Veja que só punir não é suficiente: você precisa reforçar um comportamento adequado. Apenas a punição não é suficiente para indicar à criança qual comportamento é mais adequado naquela situação. Além disso, para esse processo funcionar, (1) ver televisão precisa ser mais agradável para Luna do que o comportamento de estereotipia, de modo que ela prefira ver televisão a fazer a estereotipia e (2) a resposta adequada (sentar no sofá) precisa ser simples e perfeitamente possível para a criança. A punição negativa deve ser usada com muita cautela: é comum que a criança pare de apresentar um comportamento inadequado, mas passe a apresentar outro.

Já a punição positiva, consequenciar o comportamento com algo desagradável, como gritar com a criança, brigar, bater, etc, é completamente inadequado e de fato constitui um crime. O comportamento punido geralmente volta a acontecer, especialmente quando a criança está longe de quem puniu. Além disso, esse método desencadeia muitos sentimentos negativos. A criança pode deixar de emitir comportamentos adequados juntamente com os inadequados. Por fim, ela aprenderá um modelo de comportamento e interação com outro através da agressividade, ou seja, algo que não queremos. Brigar com a criança porque ela está emitindo um comportamento estereotipado em um ambiente que a deixa nervosa (uma festa, por exemplo) só a deixará mais nervosa, e isso vai aparecer através de mais estereotipias. Pense bem, qual a lógica de gritar com uma criança para ensinar que ela não deve gritar, bater numa criança para ensinar que ela não deve bater?

Extinção

Outra alternativa para diminuir a probabilidade de uma resposta ocorrer é através da **extinção.** Neste procedimento, o comportamento que anteriormente era reforçado deixa de receber reforço. Este é um método mais recomendado que a punição negativa para diminuir comportamentos inadequados, mas ele também gera reações emocionais, havendo uma piora inicial do comportamento que você quer extinguir (como o aumento da frequência, intensidade e variabilidade do

comportamento), antes de ele começar a diminuir de frequência. Antes de aplicar esse método, você deve estar preparado para essa piora: ao decidir usar a extinção, você não poderá desistir e reforçar o comportamento no momento da piora e nem de vez em quando, pois isso vai fazer com que o comportamento que você está tentando extinguir aumente ao invés de diminuir. Além disso, a extinção não deve ser usada sozinha, mas sim concomitante a outros métodos, por exemplo, o **Treinamento de Comunicação Funcional**, reforçando-se comportamentos adequados, como será detalhado adiante.

Imagine, por exemplo, que Fred esteja apresentando comportamento de birra, chorando muito toda vez que algo é retirado dele. Os pais às vezes pediam para ele parar ou entregavam de volta o que ele queria, e isso estava agravando a birra. Os pais de Fred resolveram então aplicar um procedimento de extinção, e toda vez que Fred começava a chorar, os cuidadores passaram a retirar o contato visual com a criança e não falar com ela até que ele parasse de chorar (extinção), além de não devolver o item a ela. No início, a birra de Fred tendeu a aumentar, com ele chorando e gritando cada vez mais alto. Os cuidadores não se deixaram levar e se mantiveram sem contato visual e não devolveram o item. No primeiro momento que Fred parava de chorar, os pais iam interagir com ele, fazer carinho, e convidavam para fazer uma brincadeira juntos (reforçamento positivo), gradativamente a birra foi diminuindo de frequência. É importante que os pais reforcem os comportamentos adequados que vierem logo depois de parar de chorar, pois se esperarem muito tempo após o fim da birra o choro pode voltar.

Embora sejam úteis para diminuir comportamentos-problema, observa-se que punir negativamente ou extinguir um comportamento inadequado não ensinará para sua criança qual é o comportamento adequado. Não adianta ensinar o que ela não deve fazer se não damos a opção e comportamentos alternativos que ela possa fazer! Isso deve ser realizado através do reforçamento positivo de comportamentos adequados.

IMPORTANTE: *para intervir em um problema comportamental grave você precisará fazer uma análise funcional identificando exatamente: o estímulo discriminativo, a resposta, e a consequência. Se você modificar o primeiro e o último a criança modificará suas ações. Procure fazer um diário descrevendo detalhadamente essas três variáveis por no mínimo uma semana: analise que variáveis podem estar desencadeando e mantendo o comportamento, e só então decida qual melhor forma de intervenção. Continue registrando as três variáveis durante o processo de intervenção para identificar se elas estão modificando de acordo com o previsto.*

Problemas Comportamentais Graves

Birra

A palavra birra é utilizada para descrever um conjunto de comportamentos inadequados tais como: chorar, gritar, jogar objetos, empurrar objetos, pedir repetidas vezes por algo, implorar, quebrar coisas. Esses comportamentos são apresentados pela criança como uma forma de comunicar aquilo que ela deseja e não deseja. Vamos analisar algumas situações em que esse comportamento é emitido.

Rafael precisa retirar o tablet para colocar seu filho Arthur para dormir. O tablet é reforçador para Arthur e, quando Rafael retira, Arthur começa a chorar, jogar as coisas no chão e gritar. Rafael, já cansado e com receio de que os vizinhos acordem, resolve devolver o Tablet e esperar que Arthur adormeça. Ao devolver o Tablet, em consequência do comportamento de birra, Rafael ensina a Arthur que se ele fizer birra pode conseguir as coisas que deseja. Dessa forma, a probabilidade da birra acontecer novamente quando o pai tentar pegar o Tablet aumenta de frequência, e esse comportamento pode se generalizar para outras situações, como quando Arthur tiver que deixar um parquinho, quiser comer mais do que o permitido, não quiser dividir brinquedos, etc.

Esse comportamento pode ocorrer não somente diante de itens e atividades prazerosas, mas também para conseguir atenção. Imagine que Rafael esteja brincando com o irmão de Arthur. Arthur vem chamá-lo, mas Rafael pede para Arthur esperar, e neste momento ele dá sinais de que vai começar uma birra, fazendo cara de choro, franzindo a testa e emitindo pequenos sons de choro. Imediatamente Rafael identifica os sinais (estímulos discriminativos) e para sua brincadeira com o outro filho para dar atenção a Arthur.

Tanto na situação cuja consequência é "a devolução do tablet" quanto na outra em que a consequência é "conseguir a atenção", Arthur emite o comportamento de birra para ter um estímulo reforçador. Um procedimento de intervenção seria a aplicação da extinção, onde o reforçador não mais é entregue mediante a birra. No primeiro exemplo, Rafael precisaria retirar o tablet, barrar o comportamento de Arthur jogar as coisas no chão, ignorar a birra, ou seja, não estabelecer contato visual com a

criança durante a birra, não falar com ela (lembre que dizer coisas como "não faça", "isso é feio", "pare já com isso", entre outras, podem reforçar o comportamento por serem formas de atenção), fazer uma cara neutra e conduzir Arthur para ir sua cama. Tão logo Arthur parasse a birra, Rafael poderia interagir com ele, fazer carinho, elogiar por ele ter ido para cama, beijar, reforçando positivamente o comportamento adequado de ir pra cama.

No segundo exemplo, o princípio de birra é mantido pela atenção dada pelo cuidador. Neste caso, Rafael poderia chamar Arthur para brincar junto com eles (comportamento alternativo). Se ainda assim Arthur iniciasse uma birra, ele deveria retirar a atenção e os itens reforçadores (caso ele estivesse com um brinquedo, por exemplo) e esperar até a birra passar. Assim que Arthur parasse de chorar Rafael daria novamente uma opção de comportamento, mostrando um brinquedo que Arthur goste muito para que eles brinquem juntos. Dessa forma, o que Arthur aprende é que para obter a atenção do pai ele tem que emitir um comportamento adequado, no caso brincar junto com o irmão.

É importante que após a birra, você reforce o comportamento adequado, mas sem fazer aquilo que a criança desejava com a birra, ou seja, o reforçamento por parar de chorar não pode ser conseguir o Tablet ou brincar sozinho com o pai. Além disso, devemos lembrar que alguns desejos da criança são inadequados e não poderão ser atendidos, como não querer tomar banho ou querer ver televisão a noite toda.

Outra possibilidade é que o comportamento de birra seja mantido por reforçamento negativo, ou seja, a criança faz birra para escapar ou fugir de algo que ela considera aversivo. Porém, alguns eventos podem até ser considerados aversivos pela criança, mas ainda assim são necessários, como tomar banho, cortar as unhas, limpar os ouvidos. Neste caso, a criança precisa tomar banho, mesmo com comportamento de birra, ela não pode escapar ou fugir da situação. Paralelamente a isso, você pode fazer pareamento do banho com algo reforçador para criança, por exemplo, separe um brinquedo que a criança goste muito e só permita que a criança brinque com ele durante o banho, de modo que ela associe o banho a hora de brincar com um brinquedo preferido.

Autolesivos e Heterolesivos

O que chamamos de comportamento autolesivo são agressões físicas realizadas pela criança e direcionadas a ela própria (machucar a si próprio). Ela pode emitir comportamentos como: morder, bater a cabeça, se jogar no chão, se arranhar etc. Essas respostas podem ser emitidas para conseguir reforçamento positivo (ter atenção, receber um item, fazer uma atividade); por serem reforçadores positivos automáticos (naturalmente intrínsecos), no caso a uma relação sensorial prazerosa que mantém essa resposta; e também como fuga de situações aversivas. Já no comportamento heterolesivo, a agressão física é direcionada ao outro, e pode envolver beliscar, bater, puxar o cabelo, empurrar, etc. Geralmente esses comportamentos são relacionados com conseguir reforçamento positivo e fugir de aversivos. Essas comportamentos-problema podem ocorrer concomitantemente a outros comportamentos graves.

O uso de extinção deve ser aplicados apenas em casos menos graves e sempre em paralelo a outros procedimentos que aumentem os comportamentos adequados: no início do procedimento de extinção, como já dito, sempre há um aumento da frequência e intensidade dos comportamentos que estão sendo extintos, o que pode ser bem perigoso quando estamos falando de comportamentos autolesivos e heterolesivos. Além disso, é muito importante que você esteja atento para impedir que a criança se machuque ou machuque outras pessoas. Faça uma análise funcional de quando esse comportamento ocorre e procure se antecipar ao comportamento, impedindo que ele chegue a acontecer.

Davi tem apresentando comportamento de bater a cabeça e morder os cuidadores, sempre que estes procuram retirá-lo do parquinho do prédio. Como procedimento de intervenção, seus pais optaram por reforçar o comportamento do Davi ir para casa, e para isso eles limitaram o uso do tablet por Davi apenas para o momento em que ele voltava do parquinho. Eles passaram a usar uma foto do Tablet como um estímulo discriminativo de que estava na hora de subir, sempre elogiando muito o fato dele estar obedecendo as regras e subindo na hora.

Assim, ao invés de colocar em extinção o comportamento inadequado, eles reforçaram um comportamento adequado, fácil (mostrar a foto do tablet) que levava à consequências reforçadoras (acesso ao tablet). É importante que a resposta alternativa

seja de fácil emissão pela criança. Repare também que muitas vezes a criança pode precisar de ajuda para emitir a resposta: por exemplo, Davi contou com ajuda física no início do procedimento, ou seja, os pais colocavam a figura em sua mão e auxiliavam a criança a entregar a ficha. Aos poucos, essa ajuda foi retirada e ele passou a fazer de modo independente.

Quando o comportamento autolesivo é mantido por reforçamento automático, temos um agravante a situação. Uma análise funcional detalhada é essencial para que possa ser realizada o reforçamento de um comportamento adequado que possuam um reforçador semelhante àquele obtido com a autolesão. Antônio apresenta o comportamento de se jogar de lugares, como cadeiras, sofás, estantes, e após análise funcional os pais decidiram comprar uma pequena cama elástica e passaram a reforçar a brincadeira na cama e direcionar a criança para esta atividade nas situações pouco antes das situações onde ela normalmente apresentava esse comportamento.

Em caso de comportamentos autolesivos graves, muitas vezes é necessário usar estratégias físicas para impedir que o comportamento aconteça, tal como colocar luvas em uma criança que tem se machucado com as unhas, ou capacete em uma criança que está batendo a cabeça na parede. Essas medidas porém são apenas para diminuir o efeito danoso do comportamento enquanto estratégias para diminuir esses comportamentos e instalar adequados são realizadas.

Estereotipias

As estereotipias englobam um conjunto diversificado de comportamentos repetitivos. Fala-se em estereotipias de dois tipos: aquelas respostas motoras (como balançar as mãos na frente dos olhos, sacudir os braços, pular, andar na ponta dos pés, balançar para frente e para trás, etc) e comportamentos vocais (como repetir a mesma palavra ou frase, imitar personagens, falar com um tom ou ritmo de voz especifico, etc). Esses comportamentos podem aparecer diante de situações diversificadas, como quando a criança está em uma situação aversiva para ela, como uma festa de aniversário, até ela estar feliz por ter conseguido acertar em um jogo. Além disso, ele pode ser mantido tanto por reforçamento positivo, incluindo o automático, quanto por negativo.

Júlia, uma criança de 6 anos, sem repertório vocal, estava apresentando comportamentos de autoestimulação quando ficava sozinha, e ao emitir esse comportamento os pais de Júlia vinham brincar com ela para que ela parasse a estereotipia e se engajasse em uma atividade. Porém, isso não estava reduzindo a frequência da estereotipia. Ao fazer análise funcional identificamos que o brincar poderia estar aumentando a frequência da estereotipia. Optou-se assim por ensinar Júlia a pedir por interação com a frase "Vamos brincar?" e foi ensinado a Júlia dizer essa frase de temos em tempos, de modo que ela entrasse em contato com brincar com os pais sem que fosse preciso realizar estereotipias para chamar a atenção destes. Além disso, a partir de quando ela aprendeu a pedir atenção verbalmente, eles colocaram em extinção a estereotipia, não indo mais brincar com ela enquanto estivesse emitindo a resposta estereotipada.

Quando esse comportamento inadequado é mantido por reforçamento automático, devemos sempre reforçar respostas alternativas mais reforçadoras do que a estereotipia. O simples bloqueio da resposta pode gerar reações emocionais e novas variações do inadequado podem ocorrer. Imagine o caso se no caso de João, sempre que era colocado para dormir, ele começava a emitir estereotipias vocais e ficava fazendo isso por pelo menos uma hora antes de pegar no sono. Uma análise funcional mostrou que essa resposta era mantida por reforçamento automático. Os pais de João passaram a colocar indicador na boca de João indicando que ele deveria fazer silêncio. Aos poucos João começou a diminuir a repetição vocal, mas começou a apresentar movimentos corporais repetitivos na cama. Como estratégia, dessa vez os pais do João resolveram estabelecer um tempo para cantar músicas antes de dormir, além de diminuírem a quantidade de tempo que João dormia pela tarde de modo que ele sentisse sono mais cedo.

Vemos assim que há muitas possibilidades de intervenção para diminuição de comportamentos problemas graves, porém em qualquer uma delas será necessário a análise funcional para identificação do problema e acompanhamento dos progressos. Além disso, intervenções que visam apenas a diminuição de comportamentos inadequados são mais limitadas que aquelas que instalam comportamentos adequados

paralelamente. Por fim, recomendamos que qualquer intervenção seja realizada sempre com a orientação de um profissional.

Referências

Hanley, G. P. (2010) Prevention and treatment of severe problem behavior. Behavioral Foundations of Autism Intervention. Em E. A. Mayville, & J. A. Mulick (Eds.), *Behavioral foundations of effective autism treatment* (pp. 233-256). Cornwall-on-Hudson, NY: Sloan Publishing.

Carr, J. E., Severtson, J. M., & Lepper, T. L. (2009). Noncontingent reinforcement is an empirically supported treatment for problem behavior exhibited by individuals with development disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 30, 44-57.

CAPÍTULO 9 – PROCEDIMENTOS DE AJUDA E EXEMPLIFICAÇÃO DE PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO

Dicas

Quando estamos realizando o ensino de uma criança com autismo, é importante que ela acerte o máximo possível. Para isso, nós fornecemos ajuda se necessário para que o acerto ocorra. A seguir, nós iremos descrever as principais formas de ajuda.

Ajuda Física

Esse tipo de ajuda consiste em conduzir a mão (ou parte do corpo envolvida na ação da resposta) da criança e guindo-a a realizar a ação. A ajuda física em geral é utilizada com crianças que não apresentam qualquer iniciativa para realizar a resposta.

Por exemplo, se a criança lhe levar até a porta para você abrir, você pode dizer "Abre" (Dica Vocal), pegar na mão da criança e ajudá-la a abrir (Ajuda Física) a porta. Ao ensinar a criança a fazer recortes de papel, você pode colocar a tesoura na mão da criança e ir segurando nos dedos dela e dando leves pressões para ela corte. Na hora da rodinha da escola, diga "rodinha" (Dica Vocal) e conduza a criança pela mão até a rodinha (Ajuda física) e assim por diante.

Substitua essa ajuda por uma ajuda leve o mais rápido possível, de modo a proporcionar a independência da criança. Algumas crianças podem apresentar dependência desse tipo de ajuda, ou seja, elas podem sempre aguardar pelo auxílio ao invés de tentarem fazer sozinha.

Ajuda Leve

A ajuda leve consiste em um procedimento muito similar ao da Ajuda Física, porém a ajuda é menor e mais sútil, contribuindo apenas para a criança iniciar a ação. A criança deve realiza o meio e o final da ação de modo independente.

Nos nossos exemplos anteriores, quando a criança desejar abrir a porta, você dirá "abre" e direcionará com um leve toque no cotovelo da criança a mão dela para a fechadura, mas deixará ela abrir sozinha. Na atividade de cortar, você fará apenas uma pequena pressão para criança iniciar a cortar e deixará ela cortar independente. Ao

direcionar a criança para a rodinha, você dirá "rodinha" e apenas direcionará o corpo da criança levemente, com um toque nas costas dela, para onde ela deve ir.

Gradativamente a Ajuda Leve deve ser retirada para que a criança comece a realizar a ação de modo totalmente independente,. Você pode alternar entre tentativas com ajuda leve e tentativas sem ajuda.

Atraso

O atraso é um procedimento muito utilizado para incentivar as respostas independentes da criança. Ele consiste em esperar pela resposta independente e, caso ela não ocorra, você fornece alguma ajuda. Esse tempo de espera é relativo. Ele não pode ser tão curto que a criança prefira esperar pela ajuda ou não tenha tempo para iniciar a resposta independente e nem tão longo que ela perca o interesse.

Dica Gestual

Esse tipo de ajuda pode ser realizado através do uso de gestos, por exemplo, dizer "Senta" e apontar para a cadeira onde a criança deve sentar ou "pega o livro" e olhar ou apontar para o livro que a criança deve pegar. A comunicação também pode ser realizada através da LIBRAS ou gestos específicos elaborados para que a criança comunique o que deseja, por exemplo, unir as palmas da mão e aproximar do rosto para indicar que deseja dormir. A dica por gesto é essencial especialmente para crianças com déficit no repertório de falante, que podem encontrar neste suporte uma forma de comunicação.

Dica Visual

A dica visual é realizada através de imagens e, em algumas situações, objetos. Neste caso a dica é a imagem. Por exemplo, se a criança deseja biscoito, ela pode mostrar a imagem do biscoito para comunicar isso; ou se deseja ir ao parque ela pode mostrar a imagem do parque. No começo, a criança pode precisar de ajuda física para iniciar a comunicação, ou seja, um adulto auxilia que ela pegue a imagem do biscoito e entregue para alguém para comunicar que deseja o biscoito. Neste ensino, é comum que o nome correspondente à imagem seja dito pelo adulto junto com a entrega da imagem.

A dica visual é muito utilizada para estabelecer rotina para criança e ensinar crianças a pedirem para ir ao banheiro, seja em casa ou na escola. Você pode tirar fotos da criança realizando todas as atividades diárias, como escovar dente, comer, fazer natação e, na medida em que a criança for realizando a atividade, ela pode ir colocando a imagem correspondente em um local determinado para atividades já desenvolvidas.

A dica visual é uma ferramenta muito utilizada com crianças que não possuem repertório de falante ou estão em fase de desenvolvimento deste, auxiliando inclusive para que essa fala aconteça.

Imitação (Dica Modelo)

No ensino por imitação, você fornece o modelo da ação que a criança deverá realizar e, em seguida, pede para ela fazer a ação. Você pode utilizar as frases "faz igual" ou "faz assim" algumas vezes no início, mas retire essa frase tão logo a criança entenda o que deve ser feito.

Por exemplo, se você deseja ensinar a criança a fazer um círculo, você pode fazer o círculo em um papel e em seguida pedir para criança fazer igual. Se deseja ensinar a chutar um bola, você pode chutar a bola e em seguida entregar a bola para a criança chutar.

Dica modelo vocal

A dica modelo vocal consiste em promover imitação vocal ao invés de física, ou seja, você deve dizer exatamente aquilo que espera que a criança diga e aguardar ela repetir, quando ela repetir você dá continuidade na interação. Por exemplo, quando a criança desejar almoçar você irá dizer "Almoçar", quando ela repetir a palavra você entrega o almoço da criança; quando você quiser que ela cumprimente uma pessoa ao chegar em um local diga "Bom dia, tudo bem?" quando a criança repetir a frase a outra pessoa pode responder.

Você deve avaliar o nível de desenvolvimento verbal do seu filho para identificar se o ensino deve ser realizado apenas com palavras ou com frases. Caso a criança tenha dificuldade para repetir frases você divide a frase em partes menores apresentando uma a uma lentamente, para que ela repita uma palavra por vez.

Evite utilizar colocar antes da frase palavras como "diga..." ou "fala...", apenas diga o que deve ser repetido pela criança.

IMPORTANTE: *Lembre de reforçar positivamente toda vez que a criança acertar, elogiando com entusiasmo, sorrindo, fazendo carinho, realizando uma brincando ou entregando um brinquedo. Com algumas crianças que ainda não são sensíveis a elogio ou não possuem interesse em brinquedos o reforço pode ser um pequeno pedaço de algo que ela goste de comer, ou breve contato físico na forma de um carinho, cosquinhas, abraço, juntamente com o elogio.*

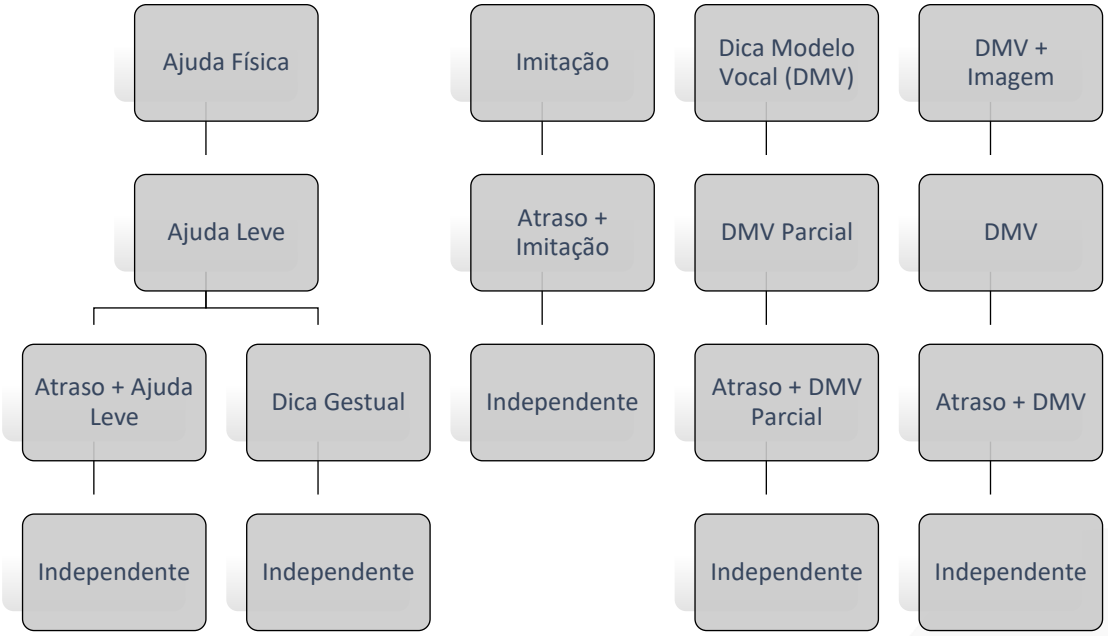
Avaliar

É muito importante descobrir o que é legal para sua criança e avaliar constantemente se naquele momento essas coisas ou atividades estão sendo mesmo legais. Se você achar que a criança não está entusiasmada com o que você está apresentando pra ela como consequência pelos seus acertos, mude as consequências por coisas que podem funcionar melhor.

Como mudar de uma dica para outra até que minha criança faça com independência?

Como falamos anteriormente, caso uma dica seja utilizada por muito tempo a criança pode ficar dependente desta ajuda e não emitir o comportamento de forma independente. Desta forma é importante que seja realizado um processo de hierarquia de dicas, onde avaliamos que tipo de ajuda a criança precisa para emitir o comportamento sem errar, e depois diminuímos gradualmente a ajuda até que ela faça de modo independente.

A seguir será apresentado uma imagem onde são colocadas sugestões de como realizar o processo de hierarquia:



Lembramos novamente que cada criança poderá começar de uma dica diferente, para saber que tipo de ajuda seu filho precisa você pode fazer um teste, onde você pede o comportamento sem dar ajuda (independente) e caso ele não faça você vai testando de trás para frente até averiguar com que ajuda ele emite corretamente o comportamento.

Esse quadro é apenas uma sugestão de como estabelecer a ajuda, algumas crianças podem pular de uma dica para outra, por exemplo, você pode observar que seu filho precisa de Ajuda Leve para sentar e durante o processo de ensino ele pode começar a sentar independente sem necessidade de passar pelo passo de atraso.

Como mudar de uma ajuda para outra?

Às vezes, podemos ficar em dúvida sobre como saber se a criança está pronta para mudar de uma ajuda maior (ex.: Ajuda Física), para uma ajuda menor (ex.: Ajuda Leve). Para ajudar você neste processo, recomendamos que você faça um teste, por exemplo, de três tentativas do passo seguinte com a criança para averiguar se ela já faria ou não naquele passo. Esse teste pode ser realizado diariamente ou em intervalos maiores dependente da velocidade de aprendizagem de cada criança.

A seguir serão apresentados vários programas de ensino. Algumas vezes falaremos de ensinar dando ajuda física, imitação, dica visual, etc, e agora você saberá como fazer. Caso tenha alguma dúvida retorne para essa cartilha.

Imitação

Imitar consiste em realizar a mesma ação que uma outra pessoa está realizando. É um dos repertórios mais importantes para o desenvolvimento infantil. As imitações mais comuns podem ser realizas com objeto (ex.: montar um bloco) e sem objeto (ex.: imitar o homem aranha, subir uma escada), em grupo e em sequência, comum na escola, onde todo o grupo faz uma série de imitações em sequência seguindo uma música (ex.: na música "Mariana conta um" você faz a imitação do número 1)

Ao começar um ensino de imitação, você deve primeiramente avaliar que nível de ajuda sua criança vai precisar para aprender o repertório, se ajuda física ou ajuda leve, por exemplo (em caso de dúvida ver cartilha sobre dicas).

No começo do ensino, podem ser utilizadas dicas verbais como "faz assim" ou "faz igual". Na medida em que a criança for aprendendo, retire essas ajudas gradativamente. Comece ensinando imitação de ações que façam parte do dia-a-dia da criança, por exemplo, dar tchau, mandar beijo, brincar com um carrinho. Lembre de elogiar, fazer carinho ou algo que a criança goste sempre que ela imitar, mesmo que com ajuda.

Você pode ensinar habilidades diárias importantes para criança, como comer sozinha, tomar banho, se vestir. Por exemplo, coloque a sandália e forneça ajuda necessária para a criança imitar a sua ação colocando a sandália dela, elogie. Esteja preparado(a) para o fato de que essas atividades podem passar a ser muito mais demoradas, mas é muito importante ter paciência e até se divertir com isso. Ao tentar ensinar a criança comer sozinha haverá mais comida pelo chão; o banho vai demorar mais etc.

Através da imitação, também podemos ensinar a criança a brincar funcionalmente: mostre como se brinca, entregue o brinquedo para criança e forneça a ajuda necessária para ela imitar, elogie e faça carinho.

Lembre que é importante que a criança tenha atenção e olhe a ação que deverá ser imitada. Por isso, é importante iniciar esse treino após ter verificado que a criança já começou a desenvolver interesse pela presença de outras pessoas no ambiente e faz contato visual. No início do ensino não fique muito tempo realizando a ação que ela deve imitar, faça rapidamente e em seguida já ajude a criança a fazer o mesmo.

Quando a criança já estiver realizando várias imitações simples, comece a brincar de pedir imitações em sequência ou em grupo. Neste momento você também pode brincar de imitar emoções, fazer careta ou realizar imitações motoras finas, como cortar, pegar algo pequeno, abrir e fechar zíper. É também importante estimular seu filho a imitar outras crianças, em especial aquelas de idade próxima à do seu filho.

PROGRAMA DE SEGUIR INSTRUÇÕES

O objetivo desse programa é ensinar a sua criança a seguir instruções verbais de forma generalizada. Comece com apenas uma instrução simples e relacionada com o contexto que a criança estiver vivenciando. Por exemplo, se ela vai comer, você pode dizer "pegue a colher/garfo". Lembre que essa instrução não deve conter muitas palavras.

Você deve avaliar que tipo de ajuda a sua criança vai precisar para realizar a tarefa, se ajuda física (pegando na mão dela e direcionando até a colher e ajudando no movimento de pinça); se ajuda leve (apenas direcionando a mão da criança em direção a colher); se imitação (com você pegando outra colher primeiro e depois dando a oportunidade para a criança repetir seu movimento com a colher dela) e dica visual (apontando para a colher) e assim por diante. Em caso de dúvidas, veja a cartilha sobre dicas.

Essas dicas serão retiradas gradualmente até que a criança siga a instrução independentemente. Teste esse comportamento independente algumas vezes para ver se ele já acontece. Caso não aconteça forneça ajuda.

Esse ensino deverá ser realizado sempre que a criança for realizar uma ação no dia-a-dia. Tente não realizar ações pela criança. Apenas forneça a instrução e permita que ela faça. Por exemplo, "pegue o seu sapato", "vista a blusa", "guarde a toalha", "abrace a sua tia". O mesmo é válido durante contextos de brincadeira (por exemplo,

"empurre o carrinho", "chute a bola"). Você pode, por exemplo, esconder uma coisa altamente preferida pela criança dentro de um armário. Então você pede a ele que abra o armário e se ela o fizer vai encontrar o item preferido e você vai elogiá-la.

Quando a criança já estiver realizando a instrução de forma independente, você aumenta o número de instruções. Por exemplo, antes a instrução na hora do dever de casa era "pegue o lápis" você vai dizer agora "pegue o lápis e coloque no estojo". Novamente, caso seja necessário você pode fornecer dicas para que ela acerte e realize a instrução e ir retirando a dica gradativamente.

Quando a criança estiver realizando no mínimo três instruções seguidas, você pode começa a pedir que ela faça algo que está fora do campo visual dela, como por exemplo, se ela estiver na sala, você pode dizer "pegue a boneca no quarto". Novamente você pode fornecer ajuda necessária para criança acertar e retirar gradualmente.

Você pode realizar esse treino em vários contextos, como na hora do banho, no almoço, no passeio do domingo, na casa da avó. Não se esqueça que primeiro é necessário que a criança faça as instruções de forma independente para somente depois você ir acrescentando outras instruções no mesmo comando.

É muito importante também que você ensine diferentes instruções desde o início, para que seja mais rápido o aprendizado de forma generalizada.

HABILIDADE: BRINCAR DE FORMA ADEQUADA

O objetivo deste treino consiste em você ensinar sua criança a manusear um ou mais brinquedos e/ou participar de uma ou mais brincadeiras de forma adequada, ou seja, comportar-se de acordo com o objetivo daquela atividade.

Selecione um ou mais brinquedos e/ou atividades (exemplo: lego, quebra-cabeça, esconde-esconde, etc) para ensinar sua criança a brincar.

A brincadeira pode ser realizada em qualquer tempo livre com a criança, não importando o tempo da brincadeira, mas sim a qualidade do brincar, ou seja, o quanto

ele é divertido para criança. A brincadeira pode ser realizada durante o banho, na alimentação, na hora de dormir, ao trocar a roupa, na hora livre, etc.

Seleção de Brinquedos: faça a seleção de brinquedos e brincadeiras que sua criança tenha interesse. Caso a criança não tenha interesse por brinquedo, faça a seleção de brinquedos de causa e efeito nos quais, ao apetar em um botão, algo aconteça (objetos saltam ou luzes acendem, ou outras coisas que sejam bem aceitas e interessantes para a criança). Também podem ser escolhidos brinquedos que trabalhem os sentidos como: luvas, massinha, boneco com trigo dentro, brinquedos sonoros, transportar macarrão e feijão de um lado para o outro, tinta, puxar em tapete, balançar na rede.

Fase de Ensino: Deixe os brinquedos disponíveis para que a criança explore. Na medida em que ela começar a brincar, mostre para ela como a brincadeira pode ser realizada e ofereça o nível de ajuda necessário (ajuda física, leve) ou dicas (como imitação) para que ela realize a ação. Será interessante se você também entrar na brincadeira e procurar se divertir com a atividade. Faça carinho, se ela gosta de contato físico. Lembre que a brincadeira deve ser divertida e prazerosa para criança.

A atividade não precisa ter um longo tempo de duração. Mude de atividade tão logo perceba que a criança perdeu o interesse no brinquedo/brincadeira. Se a criança por si só passar a brincar com outro brinquedo, ou buscar outra atividade, acompanhe-a e passe a brincar com o novo brinquedo, sempre apresentando ajudas e dicas para mostrar como se usa aquele brinquedo de forma adequada e elogiando quando a criança brinca pelo menos de forma parecida com a adequada.

Como introduzir novos brinquedos: após a criança apresentar interesse e habilidade com alguns brinquedos/brincadeiras, introduza novas atividades gradativamente, intercalando com as já existentes. Por exemplo, disponibilize o brinquedo que ela gosta; permita que ela brinque por um tempo; se envolva na brincadeira. Gradativamente comece a brincar com o brinquedo novo, ou se engajar na brincadeira nova, de modo a despertar o interesse da criança na atividade nova. Disponibilize esse brinquedo para a criança e, caso necessário, ajude para que ela brinque de acordo com a função do brinquedo. Por exemplo, se o brinquedo é um pianinho, a criança deverá acionar as teclas com as mão, de preferência os dedos, e não

usá-lo como um martelo para bater nos outros brinquedos. Lembre de elogiar, fazer carinho e de que a brincadeira nova deve ser prazerosa para criança.

Importante: Lembre de estimular o contato visual durante a brincadeira. Sorria quando esse contato visual ocorrer. Também é importante ter a atenção da criança durante a brincadeira, especialmente quando você estiver dando o modelo de como brincar.

TREINO INCIDENTAL – INTRAVERBAL NÍVEL 1

O objetivo será ensinar a criança a completar uma canção ou expressão (por exemplo: "um, dois, três e já..."), fazer sons dos animais e objetos (ex.: carro, buzina, trem, ambulância, campainha, etc), interagir verbalmente com pessoas em situações cotidianas, por exemplo, respondendo aos cumprimentos das pessoas ao chegar ou sair de um local.

Fase Inicial: Selecione músicas que a criança goste (investigue com a professora as músicas trabalhadas na escola). Aprenda como cantar as músicas. Você pode utilizar os áudios ou vídeos dessas músicas. Investigue os animais pelos quais ela demonstra interesse. Você pode utilizar imagens dos animais, o brinquedo do animal, ou um aplicativo com animais e sons (ex.: First Sounds). Mas lembre que há muitas opções e, inclusive, esse ensino pode ser realizado sem qualquer recurso material, simplesmente cantando as músicas e imitando os sons dos animais, e brincando com a criança, para a criança completar falas. O mais importante é uma interação divertida.

Fase de Ensino: Comece o ensino pelo que a criança mais tiver interesse. Use expressões, canções e falas do dia-a-dia, como por exemplo, "você quer arroz com..." (ajude a criança a completar); "ciranda, cirandinha, vamos todos..." (ajude a criança a completar"; "um, dois...." . Você também pode aproveitar oportunidades de falas da criança para ampliar a habilidade de conversação respondendo perguntas simples. Por exemplo, quando a criança disser "cachorro" você pergunta "como o cachorro faz?" ou ao falar, "maçã" pergunte "que cor é a maçã?" etc. O ensino também pode ocorrer ao chegar em algum local e a pessoa falar "Bom dia, tudo bem?". Em todos esses casos, a criança deve ser auxiliada a responder à interação iniciada pela outra pessoa ou por você.

Lembre de fornecer dica verbal, se necessário, de acordo com as habilidades da criança (dica vocal total, dica parcial, dica com atraso). Lembre também de, à medida em que a criança for aprendendo, retirar a ajuda gradativamente.

Quando ela repetir a dica ou completar de modo independente, elogie com falas naturais como "Isso! Legal! A maçã é vermelha sim!Gostosa né?", "Isso!Ele faz au, au! (e imite um cachorro). Faça carinho, sorria.

É importante que haja uma variação nas atividades.

Caso a criança repita a sua frase ao invés de completar, mude o tom de voz, ou fale mais rápido, fale mais alto a parte da sua fala que é a dica verbal (por exemplo, "Isso! Legal! A maçã é VERMELHA sim!") ou modifique a forma como você está introduzindo a sua fala. Por exemplo, ao invés de sempre falar "o que o cachorro faz? Pergunte de outras formas, por exemplo, "Como é que o cachorro faz?" ou "O que ele faz?"

INTRAVERBAL - NÍVEL 2

OBJETIVO: *estabelecer interações verbais mais complexas, como dizer qual a função e ação de objetos, fazer e responder perguntas e manter um diálogo simples. Falaremos do fazer e responder perguntas em tópicos separados, mas lembre que essas habilidades estão correlacionadas e podem ser trabalhadas ao mesmo tempo.*

Fase de ensino/Fazer perguntas: brinque com a criança de completar frases como por exemplo: "você come na..."; "você cozinha no..."; "você se enxuga com a..."; "com o que você escova os dentes?"; "onde você se deita?"; "com o que você come?" etc. Toda vez que a criança responder faça cócegas nela, sorria, bata palmas, faça bolinhas de sabão ou faça alguma outra brincadeira que ela goste. É importante que as perguntas sejam feitas durante o brincar, sorrindo, com tom de voz diferentes, estabelecendo um jogo divertido com a criança. Você pode fornecer a dica vocal dando a resposta no início, mas deve retirar gradativamente a ajuda.

Outra atividade que pode ser realizada é, ao assistir um desenho animado, perguntar coisas para criança como, por exemplo, o que o personagem do desenho fez ou disse. Se possível, dê uma pausa no vídeo durante a pergunta e recomece quando a criança responder. Você pode fornecer dica vocal para a resposta. É importante

trabalhar o tom do voz durante a pergunta e interagir com a criança após a reposta. Eis um exemplo:

Você: "O que o Papai Pig foi fazer?" (cara de curioso)
Criança: "Pegar uma lâmpada".
Você: "Caramba! É mesmo. Assim ele vai enxergar no escuro.

Essa atividade também pode ser realizada contando histórias de um livro para a criança, caso ela goste de leitura de histórias. As imagens do livro podem ser utilizadas como uma dica para ajudar a criança a responder as perguntas.

Lembre o comportamento não vocal é muito importante. Ele é uma ferramenta de comunicação., Então seus gestos, expressões faciais e até o tom de voz irão ajudar a criança a compreender a situação.

Faça também perguntas sobre o que as pessoas que cercam a criança estão fazendo. Lembre de fornecer a dica vocal e, depois, ir reduzindo essa ajuda gradualmente. Comece por ações que sejam interessantes para criança, como buscar a comida dela, pegar um brinquedo que ela gosta, etc.

Quando a criança estiver respondendo perguntas do contexto que ela está vivenciando, você pode começar a fazer perguntas referentes a ações futuras ou passadas. Comece por atividades que tenham sido marcantes para criança, como uma ida ao parque. Recursos como fotos e vídeos do que aconteceu e/ou do que vai acontecer são fáceis de serem obtidos através do celular e podem ajudar a criança a dizer o que ela fez ou o que ela vai fazer.

Fase de ensino/Fazer perguntas: Ao trabalhar a habilidade de fazer perguntas, você deve começar por assuntos e atividades de interesse da criança (se ela gosta de desenhar há maior probabilidade de ela perguntar se o desenho está bonito). Comece por perguntas simples, cujo contexto a criança esteja vivenciando naquele momento (ex.: estar desenhando).

Além disso, é essencial que a pergunta seja feita para uma pessoa que a criança goste de ter contato, como por exemplo a mãe. Durante uma brincadeira, são várias as perguntas que podem ser trabalhadas com a criança, como: "Quer brincar comigo?"; "Vamos montar uma casa?"; "Você gostou da parede que eu fiz?"; "Vamos colocar a boneca dentro da casa?" etc. Na atividade de fazer perguntas, é interessante (mas não

obrigatório) que tenha uma terceira pessoa, de modo que uma forneça a dica vocal e a outra seja a pessoa para quem a criança pergunta. Dessa forma, o ensino é feito durante uma brincadeira. Você então diz para a criança o que ela deve perguntar (dica vocal). Se ele repetir a pergunta, a outra pessoa responde. Então você elogia e dá carinho à criança.

Caso a criança tente responder a pergunta apresentada por você como dica, ao invés de fazer essa pergunta à outra pessoa, você pode: acrescentar o nome da pessoa para qual ela vai perguntar na frente da pergunta (por exemplo, "Fulano, você quer brincar comigo?"); fornecer a dica vocal dividida em partes (por exemplo, "*Fulano, você...* (aguarde a criança repetir) *quer...* (aguarde a criança repetir) *brincar comigo?* (aguarde a criança repetir); Iniciar a dica com a palavra "*diga*" ou "*pergunta*" (por exemplo, "Diga: você quer brincar?" Gradativamente retire essas dicas.

Fase de Ensino/Diálogos: Estabelecer diálogos nada mais é do que o encadeamento de perguntas e respostas, onde a resposta de uma pessoa serve como base para a pergunta da outra.

Atividades de diálogos podem ser ensinadas, durante o brincar e atividades de rotina da criança. Por exemplo, estabeleça diálogos durante brincadeiras, enquanto cuida de uma boneca, brincando com massinha de modelar, ou mesmo em atividades diárias como a hora da refeição e do banho. Comente sobre o que vocês estão fazendo. Assim que você tenha a atenção da criança, faça alguma pergunta relevante sobre a situação. Por exemplo: Voce segure a boneca e faz de conta que ela chora. Então pergunte à criança: "Será que ela está com fome?" Quando ela responder então você continua: "Então, o que a gente faz?" Tente usar o interesse da criança para promover trocas verbais.

Exemplo durante o almoço:

Criança: "Mãe, o que vamos almoçar?"
Cuidador: "Hum... hoje é picadinho! Você gosta?"
Criança: "Eu gosto."
Cuidador: "Você quer água ou suco?"
Criança: "Suco"
Cuidador: "Aqui está. De que fruta é este suco?"
Criança: "De laranja".
Cuidador: "Gostoso!! Que cor é o seu copo novo?"

Criança: "Azul"
Cuidador: "É mesmo, minha cor favorita! Qual é a sua?....

Perceba que uma frase está relacionada à outra, ainda que a direção da conversa seja livre. Siga o interesse da criança, para estimular que ela responda e continue participando.

ENSINO DE MANDOS NÍVEL 1

OBJETIVO: *ensinar a criança pedir pelo que deseja e dizer o que não deseja.*

Esse é um ensino que depende diretamente do interesse e vontade de seu filho. Esteja atento às coisas que ele demonstrar interesse (ações e objetos); antes de entregar, ou deixar que ele pegue, o que ele deseja (ou fazer o que ele quer), *diga o nome do objeto ou da ação desejada (ex.: bola, celular, abre, pega, etc)* e aguarde ele repetir. Só então entregue ou faça a ação.

Gradativamente, na medida em que você perceber que seu filho já conhece o nome dos itens e das ações, diminua a dica vocal para uma dica parcial (bo.., celu..., a..., etc). Você também pode esperar um tempo para ver se ele fala de modo independente e caso ele não fale você fornece a dica vocal.

Neste momento é importante que sua fala seja clara e sucinta, por exemplo restrita a uma palavra, como nos exemplos acima. Evite frases como "o que você quer?" e "diga...".

Você também pode criar situações que aumentem a probabilidade de pedidos, como por exemplo deixando em um local suspenso, mas visível, itens preferidos da criança como brinquedos e objetos que ela utilize muito no dia-a-dia como um copo ou a colher. Desta maneira, a criança necessitará pedir ajuda para obter o que ela quer. Caso ela demonstre interesse (tentando pegar, apontando, ou guiando a sua mão em direção ao objeto), aproxime-se do item e forneça a dica vocal (ex.:"Bola"). Espere que a criança repita a palavra "bola" e então entregue o objeto e elogie o comportamento da criança dizer a palavra "bola".

Outra habilidade importante é ensinar a criança a dizer o que não deseja. Esteja atento ao comportamento de negação da criança. Em alguns casos, ela pode empurrar,

sair andando, balançar a cabeça, chorar ou gritar. Nesses casos, é muito importante identificar o que a criança está rejeitando. A partir de então. quando perceber comportamentos como estes, forneça a dica vocal "não quero", e quando a criança repetir a dica, retire o que ela estiver rejeitando, seja isso uma brincadeira ou uma ação.

Caso a criança faça o pedido ou a negativa em um tom de voz muito elevado, repita a dica vocal falando em um tom de voz mais baixo, para que ela imite o seu tom de voz e não apenas a fala.

Se a criança não repetir a dica vocal na primeira tentativa, forneça a dica mais uma vez. Caso a criança não fale com clareza, aceite a fala dela, mas faça a correção para que a repetição dela seja cada vez mais próxima da sua.

Outra situação que você pode aproveitar, é oferecer coisas que você sabe que a criança não vai querer. Por exemplo: Enquanto a criança está brincando com a seu brinquedo favorito, ofereça algo que ele não se interessa muito. Pergunte se ele (a) quer trocar. A reposta provável será: "não".

MANDO NÍVEL 2

Quando o seu filho estiver apresentando diversos mandos de modo independente, aumente a complexidade da resposta, fornecendo dica vocal para frases como "eu quero o livro, por favor" ou "por favor, me empresta a bola", "posso comer um pedaço de chocolate?", "eu não quero fazer agora", "não quero brincar disso, desculpa", etc. Depois, na medida em que for aprendendo, retire a dica vocal, seguindo o mesmo exemplo fornecido no Mando Nível 1.

É importante que você varie as dicas vocais para que o comportamento verbal da criança não se torne fixo em apenas uma forma de pedir.

Outros mandos que podem ser trabalhados neste momento é o mando por informações. Por exemplo, quando você for sair com a criança, forneça a dica vocal para que ela pergunte "Onde nós vamos?", "Quem vai com a gente?", "Como vai ser lá?", "Vou poder brincar de X?, "Fulano, também vai?", etc.

Outras oportunidades de estabelecer o mando por informações é em situações de brincadeiras, você pode esconder uma peça do brinquedo e fornecer a dica vocal "cadê X?", "onde está X?" ou brincar de esconde-esconde com membros da família.

Mostre objetos da casa (da rua, da escola, etc) que chamem a atenção da criança e estimule a pergunta "para que serve X?" ou "como funciona X?".

Essa atividade deve ser realizada com objetos e ações que chamem a atenção da criança de modo que ela tenha real interesse de perguntar.Por exemplo, ela pode não se interessar em perguntar sobre a ida ao trabalho do pai, mas pode ter interesse em perguntar sobre a ida ao shopping; pode não demonstrar interesse pelo funcionamento do ferro de passar, mas sim pelo da mangueira de aguar o jardim. Transforme a aprendizagem em situações divertidas e de brincadeira, responda com empolgação, sorria e brinque com a criança.

Lembre de retirar a dica vocal gradativamente.